www.poeirazine.com
novembro/dezembro 2004
número 06 R$ 3

poeira Zine

o melhor da música do melhor dos tempos

LYNYRD SKYNYRD

The Who
who's drummer ?

Caravan
no Brasil

Jericho
e o Rock de Israel

Waltel Branco
o nosso maestro

GERAÇÃO
woodstock
peace and music
Vehicle
Parking Permit
Woodstock
generation
the who
Os ideais e os sonhos da Geração Woodstock continuam vivos e presentes em nosso espaço, venha conhecer o acervo de vinil, cd´s e dvd´s selecionados especialmente para você que aprecia as décadas de 50, 60 e 70.
Com uma área exclusiva para instrumentos, moda, arte e decoração com forte influência da época.
Welcome to Woodstock Generation Brother.
Rua Cristiano Viana, 561 (esquina com Teodoro Sampaio)
Pinheiros - São Paulo
Tel: (011) 3083-4390
www.geracaowoodstock.com.br

Music & Arts
Todos Os Sons

CDs & DVDs

Compra - Venda - Troca

musicartscds@hotmail.com

Classic Rock - Progressivo - Jazz - MPB - Blues

fones: (11) 3283-2581

Av. Paulista, 1499 - loja 68 - Galeria Trianon - São Paulo - SP

DUNNO

CDs & DVDs

Clássicos do Rock - Progressivo
Blues - Jazz - Guitarristas

(11) 3337- 0322

Galeria do Rock

Rua 24 de Maio, 62 - Loja 371 - 2º andar - São Paulo - SP

www.dunno.kit.net

RARIDADE DISCO

raridadedisco@mailbox.as

LP's e CD's - Compra e Venda

Pç. Osorio, 333 lj. 25, gal. do Comércio

80020-010 - Curitiba/PR - F: 41-2230316

Jardim Elétrico

CDs & LPs

www.jardimeletricodiscos.com.br

Compra - Venda - Troca

Fone: (11) 3331-7937

Galeria do Rock

Rua 24 de Maio, 62 - Loja 284 - 1º andar - São Paulo - SP

SEBO SÃO PAULO

sebosaopaulo@bol.com.br

CD'S - LP'S - Livros e Afins
Compra e Venda

Rua Taquari, 35A - Mooca -São Paulo - SP
(esquina da Rua da Mooca c/ Av. Paes De Barros) - Fone: (11) 6693-0664

STONED DISCOS

POA - RS

Raros e Importados
Compra - Vende - Troca

LP's / CD's / Vídeos
DVD's e Livros

Rua Mal. Floriano Peixoto, 371 - Porto Alegre - RS
Fone/Fax: (51) 3225-5136 - stonedcd@terra.com.br

free note

Songbooks/Métodos/Vídeo-Aulas/DVDs

www.freenote.com.br - freenote@freenote.com.br

Fone:(11) 3085-4690 - Fax: 3082-6186
Rua Teodoro Sampaio, 785 - Pinheiros
CEP:05405-050 - São Paulo - SP

RELICS DISCOS

CD's - LP's - DVD's
Novos e Usados

Enviamos para todo o Brasil via correio

Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar - Box 310
São Paulo - SP - CEP: 01041-000 - Fone/Fax: 223-1602

BOCA DO DISCO

Lp's , Cd's & DVD's

Compra - Venda - Troca
Novos e Usados

Fones: (51) 3228-7053/3028-1063
Fax: (51) 3028-0753

Rua Marechal Floriano Peixoto, 474 - Porto Alegre - RS

Rock Bottom

SITE ESPECIALIZADO EM VENDAS DE VHS E CD'S
(Atacado e Varejo)

- Classic Rock '70
- Kiss
- Rock Nacional '70

Visite nosso site e adquira o nosso catálogo completo
(11)3207-6359 c/ Renato

WWW.ROCKBOTTOM.KIT.NET

Riva Rock Discos

Uma boa opção para quem procura qualidade e variedade
Grande acervo de Cd´s, Lp's, Vhs, Dvd´s, Camisetas, Bandeiras, Moletons, etc...
ROCK EM GERAL, TODAS AS ÉPOCAS E ESTILOS
E também JAZZ, REGGAE, BLUES, BLACK MUSIC (nac/int), MB (Música Brasileira)
VENHA CONFERIR SUA PRESENÇA É NOSSA GARANTIA

www.rivarock.com.br

RUA LUZITANA, 1498 CENTRO F:19 32374945
CAMPINAS - SÃO PAULO - BRASIL

METAL

www.metalcd.com.br
metalcds@terra.com.br

CD's - DVD's - LP's
VHS - CAMISETAS

Fone: (11) 4994-7565
Fax: (11) 4436-5500

Atendemos pelo correio para todo o país

Rua Dona Elisa Fláquer, 184
Centro - Santo André - SP

Fígaro

LOJA DE CULTURA

LP's - CD's - 78 RPM
Livros Raros e Esgotados
Gibis - Postais - Fotos Antigas

Compra - Troca - Venda

TEMOS INTERESSE EM VIDEO-LASER (LD) e VHS IMPORTADOS
TROCAMOS SEUS POSTAIS ANTIGOS E FOTOS ANTERIORES A 1930 POR LPS E CDS

www.sebofigaro.com.br
Matriz: Rua Lamenha Lins, 62 A
Fone: (41) 224-7795 / Fax: (41) 224-0172

Roberta Kieffer e os Alquimistas

A magia do Rock N' Roll
www.robertakieffer.com
roberta_kieffer@hotmail.com
(11) 8242-1733 / 8233-1217 / 5587-1059

Sonhos de um novo antigo
Rock N' Roll

Flores do Fogo

www.floresdofogo.com
floresdofogo@hotmail.com
(11) 8242-1733 / 8233-1217 / 5587-1059

SEBO JOVEM GUARDA

A VANGUARDA EM SEBO

COMPRA - VENDA - TROCA
Pagamos à vista

LP's Rock - Jazz - Clássicos - Jovem Guarda
Bossa Nova - Sertanejo e Raridades

sjguarda@bol.com.br

Atendimento a domicílio

Loja 01: Rua da Moóca, 3401 Loja 02: Rua Pires de Campos, 20
Moóca - São Paulo - SP / Fones: 6604-6729 / 6601-3496

Empório Das Letras

discos - cds - livros - gibis
usados e raros - compra e venda

Rua Antônio Raposo, 226 - Lapa
Tel: (11) 3831-4899
Av. Mazzei, 253 - Tucuruvi
Tel: (11) 6204-3270
Av. Pe. Antônio José dos Santos, 1208
Brooklin - Tel: (11) 5506-0483

Alto Astral para o fim do ano

Dia desses estava lendo uma entrevista da Chrissie Hynde, ex-líder dos Pretenders, que acabou de adquirir um apartamento aqui no centro de São Paulo, onde ela dizia estar cansada do Rock n' Roll...

Antes que alguém atire a primeira pedra, a moça declarou que o que ele não agüenta mais é aquela eterna "lamentação" que acompanha o estilo: o Rock é maldito! É Marginal! Roqueiro está sempre na miséria! O Rock é analfabeto...

Essas afirmações não têm mais cabimento em pleno século XXI.

Esses lamentos, que foram herdados lá do Blues dos anos 30 e 40 e que até hoje se mostram presentes na cena musical, não levam a nada...

Se o estilo hoje não conta com a mesma repercussão que tinha na virada dos sixties para os seventies, ele é muito mais popular agora do que nos anos 80, onde a música eletrônica e o "Pop safado" reinaram absolutos.

Se a música feita hoje não é tão produtiva e não traz a mesma qualidade de antigamente, por outro lado hoje ela pode ser muito mais curtida e apreciada por um número maior de pessoas.

Se o CD não é tão bacana como o vinil (isso não é mesmo!), graças a ele (o CD), pudemos descobrir bandas que nunca nem imaginávamos ter existido...

Hoje você pode tranqüilamente ligar o rádio e ouvir um Grand Funk Railroad, ou comprar o novo número da poeira Zine com o Lynyrd Skynyrd na capa...

Chega de dizer que nós que amamos a música de antigamente somos uma minoria e que vivemos em outro mundo (como dizem às pessoas que convivem conosco), mas a "cena" está montada e está aí para quem quiser curtir!

Prova maior disso são as bandas que vem surgindo (calcadas nos anos 70), os bares voltados ao "Classic Rock", a Kiss FM, as publicações que pipocam timidamente nas bancas falando da Jovem Guarda, do Rock Brasileiro, da Bossa Nova, da MPB - tudo lá dos anos 60 e 70...

Até a revista Contigo entrou nessa! Perceberam?

Desde fevereiro de 2003 a poeira Zine faz parte dessa cena e temos a certeza de que esse é apenas o começo...

Curtam bastante essa nova edição e ano que vem tem mais...

Bento Araújo

www.poeirazine.com

Bento Araújo nasceu em 1976, é jornalista profissional e adora a música dos anos 60 e 70. É o editor chefe da poeira Zine: escreve os textos, faz a diagramação, cuida da arte, do visual, faz "a social" com os anunciantes, distribui, faz correio, banco, responde os e-mails e as cartas e também limpa o banheiro da redação. Além de tudo isso, o cara ainda tira uma onda tocando contra-baixo pela noite paulistana, além de vez ou outra fazer um "bico" em alguma loja de discos em troca de raridades vinílicas. O Editor também oferece seus serviços jornalísticos e musicais a quem se interessar...

Jornalista Responsável :
Bento Araújo Mtb 38344

Para saber mais sobre números atrasados, anúncios, assinaturas, pontos de venda e distribuição:
poeira Zine On Line: www.poeirazine.com
E-Mail: contato@poeirazine.com
Tel.: (11) 9526-7947
Caixa Postal 12089 - CEP 02013-970
São Paulo - SP - Brasil

Todas as matérias são de autoria do editor, exceto as indicadas.
As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores.
Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Colaboraram nesta edição:
Mauro Koth, Neigmar de Souza, Sérgio Alpendre e Wagner Xavier

Revisão de textos: Patrícia Grillo
Capa e contra-capa: Carol Penna
Tratamento dos logos publicitários: Carol Penna
Fotos: Divulgação (quando não creditada ao autor da mesma)

Agradecimentos: Carmen, Carol, Tó, Padre Bento, todos os meus amigos aqui da Terra e do Universo, Vô Lázaro, Vó Edyr, Luiz Barata (Webmaster poeira), Patrícia Grillo, Díaz, João Pacheco, Daniel Atibaia, José Damiani, Júlia, Ray, Rogério, Cadinho e Sérgio Alpendre, Helton, Nivaldo, Luiz Calanca, Fábio Golfetti, Luiz Domingues, Nélson, Normando (nº1 do blues), Menino Wilson, Flavinho, Magrão e Moacir, Bonfim, Carlinhos Apfel, Pedrão So What, João Paulo Andrade, Vladimir, Carlinhos Vinil 7, Wilson e Zé, João Flowers, Jorge, George Stones, Amadeu, Marcelo Watanabe, Dr. Rock, Marco Freenote, Leonardo e Rafael, Alcides, Jorge "Rocker", Orlando, Márcio Art Rock, Júlio Kondo e Daphne, Renatão Kiss, Cahuê, Neigmar, Marco, Jardel,Caco, Luciano, Edinei, Roberta Kieffer, Riva de Campinas, Carlos Sensorial, Fabian Chacur, Régis Tadeu, Mick (Hélio), José Carlos, Kid Vinil, Vitão Bonesso, Delta de Campinas (Alexandre e Lima), Zé Dinola, Antônio Carlos (site King Crimson), Jéferson Araújo Pereira, Paulão Thomaz, Lynyrd Cover, Carro Bomba, Paulo (Sebo SP), Donizeti Cactus, Marcão Music & Arts, Wagner Xavier, Yuppo, Carlinhos HRosa, Sérgio Sayeg e Teca, Antônio Mário, Jessé e Guto (Souza Lima), Flávio Ace, Wlad, Jean Metal, Getúlio, Ivan, Luiz (Ciassic Rock), Luiz (Roots), Alê (Museu), Fábio (Hiplace), Paulo (Fígaro), Otaviano.

PEOPLE

I Love You - julho de 1968

Curiosa demais a história dessa banda fundada em 1967, na cidade de San Jose, Califórnia, bem no auge do movimento Flower Power.

"I Love You" nada mais era do que um lado B dos Zombies que passou completamente despercebido do grande público.

A canção composta por Chris White, baixista do Zombies, recebeu uma versão lapidada do People que a lançou como compacto naquele verão de 1968. O disquinho foi um grande sucesso no mundo todo, chegando inclusive a estourar no Brasil.

O sucesso foi tanto que o líder do People, o vocalista Larry Norman, decidiu que a banda precisava lançar um álbum completo, aproveitando assim o mega-sucesso de "I Love You". O grupo era composto por mais dois vocalistas: Gene Mason e John Tristão, além de Geoff Levin (G), seu irmão Robert Levin (Bx), Albert Ribisi (Órgão) e Denny Fridkin (Bt).

Na correria esse pessoal se trancou no estúdio e saiu com um disco completo. Adivinhem qual o nome dado ao álbum? *I Love You*, lógico...

O elepê também foi lançado por aqui pela Odeon, em 1968, mono e embalado numa bela capa psicodélica (saudades das capas sanduíche!). A ordem das músicas também foi trocada em relação ao elepê norte-americano. No Brasil a música "I Love You" era a primeira do disco, uma manha da Odeon para tentar alavancar as vendas do disco por aqui.

Apesar do álbum ser interessante, inclusive trazendo uma faixa que abrangia todo o lado dois, "The Epic", com seus 30 minutos de duração, a repercussão foi bem menor do que a causada pelo compacto.

Nome de música também não era a especialidade dos rapazes: "1000 Years B.C.", "Nothing Can't Stop The Elephants", "Crying Shoes" e a pior de todas – "What We Need Is a Lot More Jesus and a Lot Less Rock & Roll". Não é a toa que Larry Norman depois virou uma sumidade da música cristã norte-americana.

O People ainda lançaria mais dois discos: *Both Sides of People*, de 1969 e *There Are People and There Are People*, de 1970. Ambos fracassos de crítica e de público. Sucesso mesmo, só uma música que nem deles era – "I Love You".

DOBIE GRAY

Drify Away - maio de 1973

O dono dessa maravilhosa voz veio do Texas e desde bem jovem foi apresentado ao Gospel pelo seu avô, que era Pastor de uma igreja Batista. Logo o moço passou a se interessar também por outros estilos como o Country, o Soul e o R&B. Mudou-se para Los Angeles e lançou uma série de compactos não como Dobie Gray, mas usando pseudônimos como Leonard Ainsworth, Larry Curtis, e Larry Dennis. Chegou a emplacar um par deles como "Look At Me" e "The In Crowd" (aquela mesma de Ramsey Lewis). Além de trabalhar muito como cantor, Gray também era ator e passou quase três anos com a produção da peça "Hair" em Los Angeles. Nesse período (1971) ele também gravou dois discos com a banda Pollution.

Para o ano de 1973, muitas surpresas viriam a acontecer. A MCA cai matando em cima e contrata Gray, colocando a sua total disposição Mentor Williams, um produtor/compositor de mão cheia, daqueles que criam fácil, uma "ponte" para o estrelato do artista. Williams compôs a bela "Drift Away" para Gray interpretar e o resultado não poderia ser diferente, sucesso absoluto.

Pouco depois do estouro nas rádios, "Drift Away" passou a fazer parte do repertório de grandes astros do Rock que a regravaram. As melhores versões, no entanto, são a do Humble Pie (numa genial interpretação do baixista e vocalista Greg Ridley, com Steve Marriot nos backin' vocals) que aparece no disco *ThunderBox* de 1974; e a de Mr. Rod Stewart, presente no disco *Atlantic Crossing* de 1975. Ah, até os Stones fizeram uma bela versão da música também!

No Brasil, Dobie Gray emplacou um outro hit em 1980, "Who's Loving You", que era tema de um comercial do Mappin, e chegou até em sair em compacto por esses lados.

Daí por diante, o astro se tornou basicamente um cantor Country, gravando pela Capricorn Records, que era também a "casa" de bandas como o Marshall Tucker Band, o Allman Brothers Band, e o Wet Willie entre outras.

OS MELHORES GUITARRISTAS DO MUNDO

Este site será transformado em um livro

Maiores detalhes:
www.voiceprint.com.br/gtrbook

ART ROCK

Classic Rock 70

Galeria Nova Barão
Rua Barão de Itapetininga, 37 (Rua Alta, loja 48)
São Paulo - SP - Cep: 01042-001
fone: (11) 3214-2555
e-mail: artrockcds@hotmail.com

Cactus Records
LP's - CD's - DVD's
Novos e Usados
COMPRA VENDA E TROCA
TEL: (11) 3362 2783
Rua 24 de Maio, 62 - 1º andar/ Sala 281/ São Paulo

PENNY LANE DISCOS
www.pennylane.com.br cd@pennylane.com.br
Psicodélico - Rock Progressivo
Folk - Rock - Blues - Jazz - Hard
Rua Corrêa Dutra, 99, Loja 5, Catete, Rio de Janeiro/RJ
Tels: (21) 2225-7348 e 2285-4833 Fax: (21) 2225-7347

ACTIVE ELETRÔNICA
Assistência Técnica de aparelhos eletrônicos
Som - TV - Vídeo
Rua dos Pinheiros, 836 - sala 01- Fone: 3085-3133

opus discos
Vinil e CD's
Compra, Venda, Troca e Consignação
opus46@bol.com.br
Atendemos todo o Brasil via correio
Pç. Osorio, 333, lj. 46, gal. do Comércio - Curitiba/PR - F: 41-233-2583

LYNYRD SKYNYRD

Sulista pela graça de Deus

Engraçado como existem bandas que ressurgem na mente das pessoas e no gosto da garotada! O Lynyrd Skynyrd é um belo exemplo desse tipo de fenômeno. Nos anos 70, na América e em alguns países da Europa (principalmente na Inglaterra), eles eram bem populares, mas no Brasil eram considerados uma banda de segunda linha. Nos anos 80, com a carreira na geladeira, praticamente ninguém sabia o que era Lynyrd Skynyrd nesse nosso lado de cá. Era impossível achar alguma informação sobre o grupo. Música no rádio, então, nem pensar! Isso sem contar que para achar os LP's originais da banda, que milagrosamente saíram por aqui nos anos 70 (geralmente via Chantecler), era necessário um garimpo que às vezes levava anos. Eu mesmo só consegui completar minha coleção depois de uns quatro anos vasculhando por aí.

Com a chegada da era digital (CD) todo o catálogo da banda veio às prateleiras novamente e uma nova geração pode sentir a força desse irresistível combo sulista armado de três guitarras. Com a volta da banda aos palcos e também aos estúdios de gravação era quase impossível novos e sedentos seguidores não surgirem por aí....

As rádios especializadas em "Classic Rock" passaram a ter na sua lista de mais pedidas antigas canções do Lynyrd Skynyrd, que também passaram a ser executadas até em trilhas sonoras de filmes!

No Brasil eu sinto que nunca o Lynyrd Skynyrd teve tantos seguidores como neste exato momento. Faltava uma matéria super especial com eles na nossa mídia impressa...

Falei correto, faltava...

O PRINCIPAL EXPOENTE DO ESTILO?

O Allman Brothers Band surgiu antes do Lynyrd, mesclando o Rock, Blues, Country, Jazz e a Psicodelia emergente daqueles confins dos anos 60. Levou a bandeira do Rock Sulista Norte-Americano para os lares de todo o continente.

Mas, se o desbravamento e pioneirismo coube ao grupo dos irmãos Allman, a consolidação do movimento sulista como "estilo musical" ficou a cargo do Lynyrd Skynyrd. Assim como o Allman, banda, equipe, amigos e fãs se misturavam, tudo caracterizado como uma só família que caía na estrada do Rock. O orgulho de cantar sobre o dia-a-dia do homem simples que vinha do Sul também foi exclusividade do Lynyrd Skynyrd, banda que cunhou verdadeiros hinos sobre temas diversos como liberdade, drogas, sexo, e tudo mais que acompanhava uma banda estradeira.

Foi a partir deles que começaram também os ataques de três guitarras, tão populares no Southern Rock...

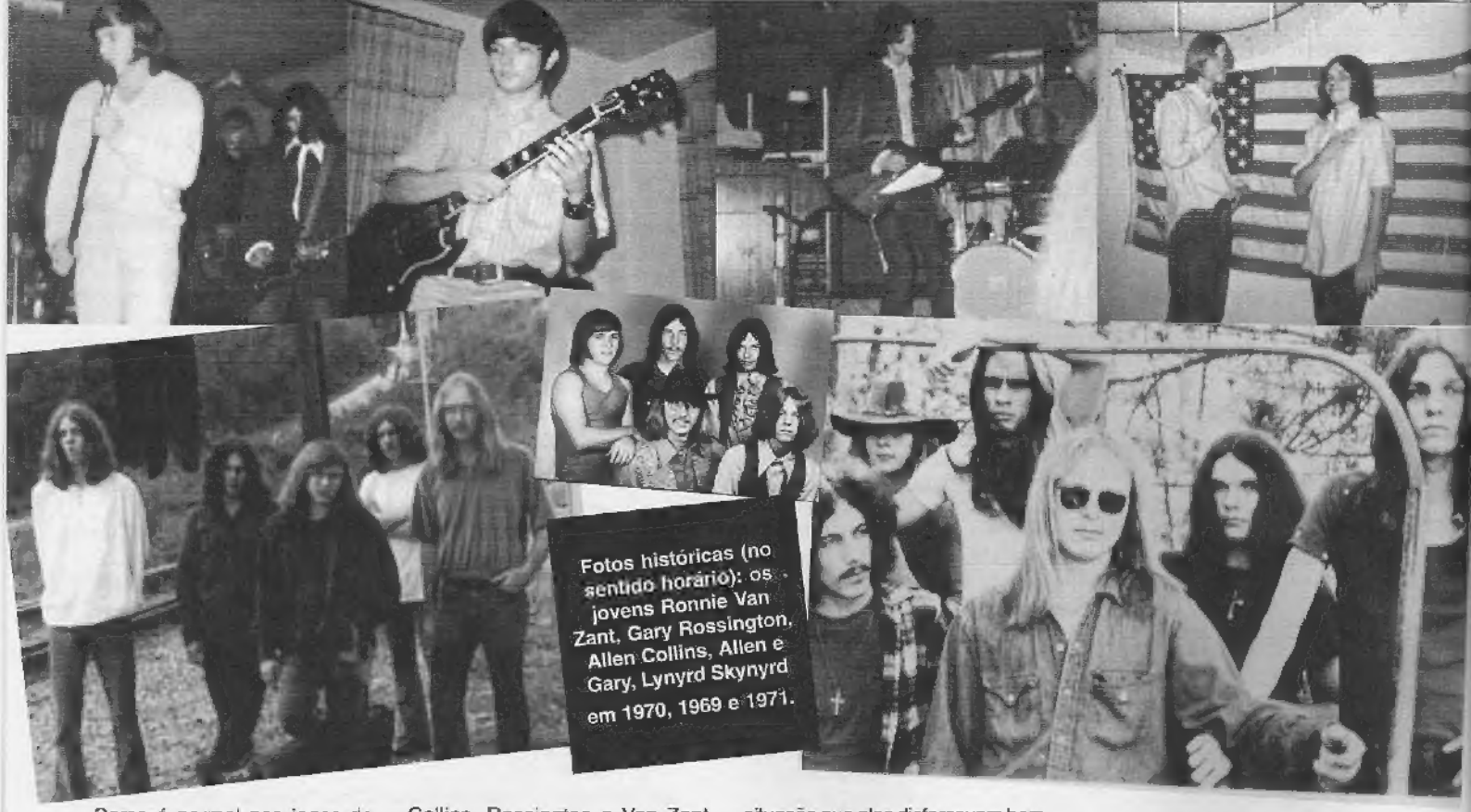
TUDO COMEÇOU NUM JOGO DE BASEBALL

Em 1964, nem o mais dos conservadores estados do Sul dos Estados Unidos da América estava livre da febre que assolava todo o país: a febre do Rock N' Roll.

Com a Invasão Britânica (ver poeira Zine número 04), a garotada queria mais era aparecer em público com uma guitarra na mão. Era a coisa mais "cool" do mundo ser roqueiro.

Na região pantanosa da Flórida, uma tal de Jacksonville, três garotos dividiam a mesma paixão: o Rock N' Roll e o Baseball.

O jovem Ronnie Van Zant era um dos melhores jogadores da redondeza e tinha no esporte uma maneira de conseguir sair da vida quase miserável que levava. Numa bela tarde, Gary Rossington e Bob Burns (os outros garotos dessa história, que tocavam juntos numa banda chamada "Me, You and Him"), foram conferir o jogo de Baseball dos rapazes mais velhos e um deles era justamente Van Zant, que estava "endiabrado" naquela tarde.



Fotos históricas (no sentido horário): os jovens Ronnie Van Zant, Gary Rossington, Allen Collins, Allen e Gary, Lynyrd Skynyrd em 1970, 1969 e 1971.

Como é normal nos jogos de Baseball, Van Zant rebateu violentamente uma bola que foi cair na arquibancada, bem na cabeça de Bob Burns! A pancada foi tão forte que o garoto ficou inconsciente por alguns instantes.

No final da partida Van Zant fez questão de ir conferir como estava sua "vítima" e acabaram fazendo amizade instantaneamente. O papo não podia ser outro senão Baseball e Rock. Van Zant e Rossington resolveram levar o amigo Burns até sua casa e lá continuaram o papo. Como Burns tinha uma bateria montada na sua garagem, foi natural que Van Zant (que já era vocalista da banda "Us") e Rossington quisessem fazer uma jam all mesmo. Nascia, assim, o embrião do Lynyrd Skynyrd.

Esses encontros na casa de Burns passaram a ocorrer semanalmente, e não demorou para Rossington abrir o jogo com os amigos – era necessário mais um guitarrista que, de preferência, possuísse um amplificador bem potente. Como a grana era muito curta no seio familiar daqueles três garotos, nenhum deles tinha condições de comprar um amplificador.

O jeito foi convocar um segundo guitarrista, Allen Collins, que tocava no "The Mods". Collins era um garoto alto e magricela, mas que tinha um amplificador do tamanho de uma geladeira!

Rossington se dava muito bem com Collins e foi fácil convencê-lo a deixar seu "brinquedinho" na casa de Burns. Lá os ensaios iam rolando da melhor forma possível: uma barulheira infernal com Collins, Rossington e Van Zant plugados no mesmo amplificador, duas guitarras e um microfone saindo completamente embolados dos falantes! My Backyard, The Noble Five, The Wildcats, The One Percent, entre muitos outros, foram os nomes adotados por essa moçada que ensaiava sem parar, nessa altura contando com Larry Junstrom no contra-baixo. A molecada era fanática pelo Rock inglês de bandas como os Stones, Who, Yardbirds e Beatles.

A ORIGEM DO NOME

Com os tempos mudando cada vez mais rápida e intensamente, o quinteto de Jacksonville ia absorvendo na medida do possível essas mudanças. Os cabelos da rapaziada foram ficando enormes e as roupas cada vez mais extravagantes. Simultaneamente a essa mudança, Bob Burns precisou deixar o banquinho durante algum tempo . Em seu lugar foi convocado um talentoso baterista, Rickey Medlocke, descendente de índios e muito "chegado" da rapaziada (Medlocke depois fundaria o Blackfoot, em 1974, só que não como baterista, mas sim como guitarrista e vocalista. Em 1996 ele voltaria para o Lynyrd Skynyrd).

Começaram a ter uma série de problemas na escola em que estudavam, principalmente com o professor de educação física: o durão, autoritário e antipático Leonard Skinner.

O problema é que o regulamento da escola não permitia que os alunos tivessem cabelo comprido, situação que eles disfarçavam bem lambuzando o cabelo com vaselina e indo para as aulas com um penteado mais "normal", escondendo as longas madeixas.

Na aula de educação física todos os alunos eram obrigados a tomar banho antes de ir pra casa e Leonard era o único do corpo docente que conferia o verdadeiro comprimento da cabeleira dos garotos. Ele amolava tanto os rapazes que a situação se tornou impraticável. A gozação era interminável – toda aula Leonard tirava um sarro e passou a exigir junto à diretoria do colégio que aqueles garotos cortassem imediatamente os cabelos. Após inúmeras advertências e suspensões, todos abandonaram a escola para se dedicarem "full time" à banda. Depois de tantas atribulações, um novo nome se fazia necessário para batizar a nova fase do grupo. Nada mais justo do que uma homenagem ao "mala" do professor Leonard Skinner – Lynyrd Skynyrd, uma forma de passar para o papel o sotaque com que o maldito professor se apresentava. As vogais foram trocadas por "Y" e quando a banda passou a se apresentar com esse nome a gargalhada era geral, já que todos na região conheciam o temido Leonard Skinner. O nome colou logo de início, e parecia mesmo ser a opção exata para o grupo.

LAPIDANDO A FAMA

Sem a amolação da escola o quarteto descolou um ótimo local para ensaiar. Uma pequena fazenda ao sul de Jacksonville, na região pantanosa de Green Cove Springs, parecia o lugar ideal. Muitas vacas, cogumelos e uma abafada casa de madeira (batizada de Hell House) era o cenário perfeito para aqueles malucos ensaiarem.

A banda ensaiava exaustivamente. Perdiam a noção do dia e noite, tudo em busca de uma sonoridade única. Ali era moldado o som original do grupo, que, de cara, passou a vencer todos os festivais de bandas iniciantes de Jacksonville. Conseguem ainda uma vaga de banda de abertura para o grupo Strawberry Alarm Clock, onde descolariam U$50 por semana. Acabam roubando o baixista do Strawberry, **Ed King**.

Com a década de 60 chegando ao seu final, novas bandas inglesas despontavam bebendo cada vez mais no Blues. Cream, Led Zeppelin, Taste, Ten Years After, Fletwood Mac, Chicken Shack, Groundhogs e Savoy Brown eram algumas delas.

Mas o grupo que mais fez a cabeça desse pessoal de Jacksonville foi o Free, influência mais do que assumida do Lynyrd Skynyrd.

NOVA DÉCADA

Com a chegada dos anos 70, as coisas pareciam que iam melhorar para os esforçados roqueiros de Jacksonville. Passam a contar com o apadrinhamento do manager Alan Walden, irmão de Phil Walden, um dos proprietários da Capricorn Records (a gravadora do Allman Brothers e de 99% das bandas de Rock sulista).

Alan bancou duas sessões de gravação com o Lynyrd Skynyrd. Uma no Shade Tree Studios e outra no Quinvy Studios. Muitas dessas gravações nunca foram lançadas em discos oficiais do grupo, tais como "Hide Your Face", "Bad Boy Blues", "Need All My Friends", "Michelle", "If I'm Wrong" e "No One Can Take Your Place" (uma ótima pedida é o CD duplo *Collectybles*, lançado pela MCA em 2000, que traz todas essas faixas e mais uma série de outras raridades e out-takes). A primeira versão de "Freebird" também foi gravada nessas sessões.

Mais um integrante é convocado, o pianista Billy Powell, que era roadie da banda. Quando Ronnie Van Zant soube que ele era um ótimo pianista o convite foi inevitável. Billy teve aulas de piano durante toda a infância e adolescência e estava bastante animado por se juntar à banda.

Outra sorte dos rapazes foi ter Jimmy Johnson como expectador nas sessões do Quinvy Studios. Jimmy trabalhava no lendário Muscle Shoals estúdio, no Alabama, e ficou tão impressionado que topou produzir um disco inteiro do Lynyrd Skynyrd (outra ótima pedida é o CD ***Skynyrd's First*** – *The Complete Muscle Shoals Álbum*, lançado em 1998 pela MCA. O conteúdo é exatamente esse primeiro disco da banda, produzido por Jimmy Johnson).

Ainda em 1971 convocam o baixista Leon Wilkeson, que assume a vaga deixada por Ed King. Mas King não abandonou a banda, passando para a guitarra e formando, ao lado de Collins e Rossington, o trio de guitarristas mais famoso da história do Rock.

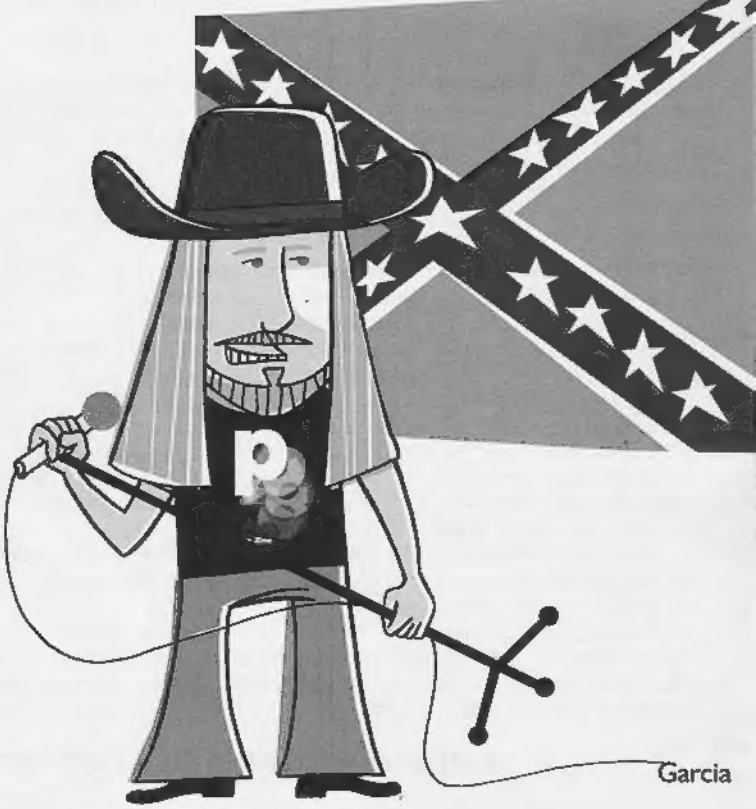
Agora como um septeto, a grana sobrava menos ainda. Os cachês caíam cada vez mais, e para piorar as coisas Alan Walden rodou com os tapes da gravação em Muscle Shoals e nenhuma gravadora se interessou em lançá-la, com exceção da Capricorn Records que ofereceu um contrato para a banda, imediatamente negado por Ronnie Van Zant. O orgulhoso garoto pobre do Sul não deixaria sua banda na "sombra" do Allman Brothers Band por nada nesse mundo!

AL KOOPER SALVA A PÁTRIA

Graças a Ronnie Van Zant, voltam ao circuito de bares e espeluncas da Flórida (por onde passaram o ano inteiro de 1972). De bar em bar, o Lynyrd Skynyrd ia fazendo uma legião de seguidores, e como o melhor aprendizado que uma banda de Rock pode usufruir é o palco, eles estavam no caminho certo.

Já em 1973 descolam uma temporada no Funochio's, o mais tosco boteco de Atlanta. É nesse pulgueiro que Al Kooper assistiu várias apresentações da banda e a sorte começou a bater à porta dos garotos.

Se tinha alguém que era respeitado na indústria fonográfica naquela época, esse alguém era **Al Kooper**. Na década anterior, Kooper havia trabalhado como "session-man", produtor e compositor, atuando ao lado de Bob Dylan. Liderou também grupos como o Blood Sweat & Tears e o Blues Project, além de deixar registrado ao lado de Michael Bloomfield e Stephen Stills o irretocável álbum *Super Session*. Sendo um dos produtores mais respeitados e renomados do período, qualquer indicação que contasse com o seu aval era sucesso na certa e o Lynyrd Skynyrd tinha impressionado Kooper pra valer. Imediatamente o produtor ofereceu um contrato pela Sounds of the South, uma subsidiária da poderosa MCA. Van Zant hesitou bastante em aceitar, porém acabou cedendo dessa vez. O resultado da genial parceria de Al Kooper com a banda de Jacksonville saiu em setembro de 1973 sob o nome de *Pronounced Leh-Nerd Skin-Nerd*, nada mais justo ensinar o grande público a pronunciar corretamente o nome da banda, já que em breve ele estaria na boca de todo mundo.



A brilhante estréia teve um parto difícil, já que Kooper vinha com várias idéias de arranjo e parte de teclados que a banda não aprovava. A tensão era constante no estúdio e apesar de alguns desentendimentos, Kooper elogiava a banda na imprensa: "Eu os ensinei como trabalhar em estúdio e como gravar bem o baixo com a bateria. De todas as bandas que produzi, eles foram os mais bem ensaiados e organizados! O que faziam com as guitarras era algo magnífico e eles ainda tinham aquela energia pulsante que vinha das ruas e dos guetos". E complementa: "Ronnie guiava aquela banda com mãos de ferro!".

Curioso também é que o baixista Leon Wilkeson se sentiu inseguro para gravar o álbum e partiu da banda temporariamente, deixando a gravação de suas partes a cargo de Ed King.

Quem também gravou algumas linhas de baixo no disco foi Roosevelt Gook, pseudônimo usado por ninguém menos que o próprio Al Kooper. O produtor estava tão fascinado e entretido com a sonoridade da banda, que resolveu fazer parte dela na gravação do álbum usando esse pseudônimo maluco. Além de baixo, Kooper tocou mellotron e fez backing-vocals. A adoração do músico pelos garotos de Jacksonville não parava por aí: antes do disco ser lançado, Kooper organizou, com o apoio do pessoal da MCA, uma festa de apresentação da banda para a indústria fonográfica em geral. Todos os nomes importantes estariam presentes: agentes, promotores, empresários, donos de gravadoras, etc.

A famosa gravadora tinha assinado um contrato de U$9.000 com a banda, o que foi suficiente para eles trocarem todos os seus equipamentos de palco! O Lynyrd Skynyrd não deixou barato e retribuiu compondo especialmente para a ocasião a música "Workin' For MCA", não por coincidência o primeiro tema apresentado por eles naquele histórico concerto.

A FORMAÇÃO CLÁSSICA

Após a estréia, o time precisava cair na estrada para promover o disco mundo afora. Leon Wilkeson volta correndo com o medo de perder a "bocada" e deixa Ed King livre para assumir a terceira guitarra da banda. Essa atitude foi talvez a mais acertada decisão tomada por eles em toda sua carreira e seria o fator crucial que distinguiria o grupo dos demais.

Não eram simplesmente três guitarras solando juntas, cada uma

teria um timbre em especial e refletiria a personalidade de cada guitarrista. Gary Rossington era o dono da Gibson Les Paul (e também da Gibson SG, principalmente em "Freebird"). Allen Collins assumia a Gibson Firebird e Ed King, a Fender Stratocaster. O ataque estava apenas começando...

MAIS GENTE FAMOSA NA JOGADA

Outro que ficou fascinado com a estréia dos garotos em vinil foi Pete Townshend, do The Who. O guitarrista estava ouvindo *Pronounced Leh-Nerd Skin-Nerd* em sua casa e antes mesmo da agulha percorrer a última faixa, telefonou para seu empresário (Peter Rudge) e exigiu que o Lynyrd Skynyrd fosse a banda de abertura da tour norte-americana do *Quadrophenia*, que estava prestes a iniciar. Ficou fechado que o Lynyrd tocaria apenas 20 minutos por noite (cinco músicas).

Os rapazes do Sul pulavam de alegria e do dia para a noite passam a tocar para um público sempre maior do que 10.000 expectadores, ao contrário dos 200 / 300 que acompanhavam a banda nos botecos da vida. Como encarar tanta pressão? O jeito era entrar no palco o mais bêbado possível...o resultado sempre agradava a exigente platéia do Who. Era comum a galera pedir bis.

A fama da banda triplicou durante essa tour. Peter Rudge, impressionado, depois de um bom tempo empresariando o Who, larga tudo e cai na estrada com o Lynyrd Skynyrd, seus mais novos clientes.

Enquanto tudo isso acontecia, "Freebird" estourava nas FM's da América com seus nove minutos de puro feeling. Nada convencional para o formato FM, acostumado a tocar faixas de três ou quatro minutos em média. Também era evidente o sucesso que faziam na imprensa especializada.

O "SEGUNDO SOCORRO" DE AL KOOPER

Empolgados com a repercussão radiofônica de "Freebird", mas decepcionados com o fracasso de "Gimme Three Steps" (outro single extraído da estréia), tanto os músicos do Lynyrd Skynyrd como o produtor Al Kooper passam a idealizar um sonho: colocar uma música no topo das paradas. Mas não uma música longa e demasiadamente trabalhada. O que eles realmente queriam era um hit certeiro, algo que todo mundo cantarolasse por aí...

Com esse objetivo, Kooper leva a banda para dar início às gravações do segundo álbum no estúdio Record Plant, em Los Angeles. Acostumados a estúdios simples e a rusticidade da "Hell House", o Lynyrd agora ensaiava e gravava numa sala enorme e pomposa. Em outras salas do Record Plant, Stevie Wonder, os Eagles e o ídolo norte-americano, Jackson Browne, gravavam também seus álbuns. A coisa desandou mesmo quando um desencanado John Lennon entrou no estúdio em que o Lynyrd se encontrava, só para dar um alô... A moçada gelou...

ALABAMA

Com o disco pronto, Ronnie Van Zant perdia o sono com um pressentimento. O vocalista relutava em querer lançar como single uma das novas canções: "Sweet Home Alabama". O primeiro single extraído de um disco geralmente chega às lojas antes mesmo do álbum, dando um panorama do que estará por vir . A chamada "música de trabalho" é que prenuncia se o disco vai ser um sucesso ou não.

Al Kooper não colocava fé na canção, achando-a muito regionalista e bairrista. O produtor afirmava que "Sweet Home Alabama" teria somente repercussão nos Estados mais conservadores do Sul. Na MCA a palavra de Kooper pesou mais do que a da banda, e o primeiro single foi "Don't Ask Me No Questions", que, se escapou de um fracasso, foi por muito pouco.

Van Zant tinha feito um acordo com Kooper onde ficou estabelecido que se "Don't Ask..." não emplacasse, o próximo compacto seria "Sweet Home Alabama". O vocalista sabia que a hora da sua banda estourar em definitivo estava chegando. Três funcionários do departamento de promoção da MCA, empolgados com o lançamento de "Sweet Home Alabama" como single, distribuem o disquinho para todas as rádios do Sul dos Estados Unidos, que tocam a música sem parar naquele verão de 1974.

A canção se tornou uma espécie de hino para o povo do Sul e foi o único single da banda que chegou ao concorrido Top 10. O chamado "Southern Rock" já tinha o seu representante e a sua música oficiais. Em dois meses o compacto de "Sweet Home Alabama" e o álbum *Second Helping* recebiam disco de ouro, seguidos rapidamente pelo primeiro registro deles (*Pronounced...*), que também passou a vender como água.

A esperta MCA fareja que a onda do "orgulho sulista" que a banda, e principalmente Van Zant, defendia com unhas e dentes, poderia lhe render muitos dólares e resolvem embarcar na história. A imensa bandeira dos Estados Confederados do Sul no fundo do palco enquanto a banda se apresentava foi sugestão da gravadora. Essa característica está presente até os dias de hoje nos shows do Lynyrd Skynyrd.

SKYNYRD'S BEST

Por razões de espaço estaremos somente comentando os discos gravados com a formação clássica, lançados entre 1973-1977. É sempre bom lembrar que as atuais versões em CD, disponíveis no mercado internacional são uma ótima pedida, já que contam com faixas-extras e outtakes.

Pronounced Leh-Nerd Skin-Nerd (1973) ****

Grande estréia do grupo ao lado do produtor Al Kooper. As principais baladas da banda estão nesse álbum: "Freebird", "Simple Man" e "Tuesday's Gone". Rockões viscerais como "Gimme Three Steps" e "I'm The One" também marcam presença nessa ilustre estréia. O grupo, já calejado pela vida na estrada, se mostrava entrosado e sedento por reconhecimento no meio roqueiro, daí a garra e vigor que transborda do vinil.

Graças a esse álbum, o Rock Sulista nascia como estilo e *Pronounced* era sua cartilha: três guitarras afiadas, som garageiro, letras sentimentais que bradavam por liberdade e a presença de um novo ídolo – Ronnie Van Zant.

Second Helping (1974) *****

Parece coletânea da banda, só clássicos nesse segundo registro novamente produzido pelo gênio Al Kooper.

"The Needle and The Spoon", "Workin' For MCA", "Don't Ask Me No Questions", "Swamp Music", as belas baladas "I Need You" e "The Ballad of Curtis Loew", a cover para "Call Me The Breeze", de J.J. Cale (sim, o ídolo do Eric Clapton, autor de "Cocaine" e "After Midnight") e principalmente "Sweet Home Alabama" dão a este álbum o status de clássico absoluto do Rock norte-americano dos anos 70.

Foi também o disco que mais rendeu repertório para os shows da banda. Até hoje o Lynyrd apresenta várias dessas músicas ao vivo.

Nuthin' Fancy (1975) ***

Depois de dois fenomenais álbuns, onde todas suas melhores idéias foram aproveitadas, o Lynyrd Skynyrd se viu num mato sem cachorro. As músicas dos primeiros discos foram compostas enquanto a banda se apresentava em bares "beira-de-estrada" e estavam pra lá de bem ensaiadas.

Nesse terceiro disco, o grupo teve que compor novo material às pressas (cerca de 20 dias) e o resultado não agradou nem à banda e nem à crítica especializada.

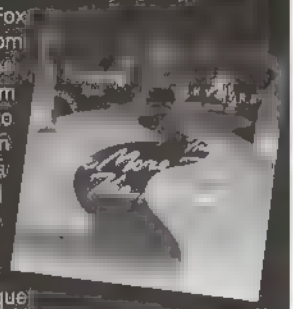
Porém, para um fã da banda o disco soa bem agradável com "Saturday Night Special", "Whiskey Rock-A-Roller", "On The Hunt", "Railroad Song", "Made In a Shade" e "Am I Losin", inspirada na debandada do baterista Bob Burns.

Gimme Back My Bullets (1976) ★★★1/2

O guitarrista Ed King tinha abandonado o grupo depois da tour do disco anterior e o jeito foi gravar esse *Gimme Back My Bullets* só com duas guitarras (Rossington-Collins).

Com Tom Dowd na produção o álbum se mostrou mais energético do que o anterior e traz grandes temas como a faixa-título, "Searching", "Cry For The Bad Man", as belas baladas "Every Mother's Son", "All I Can Do Is Write About It", "Trust" (que era uma antiga música da banda), "I Got The Same Old Blues" (outra de J. J. Cale) e "Double Trouble". Na América o disco vendeu pouco, mas na Inglaterra foi um estouro – o que colaborou para mais uma tour de sucesso por aquelas bandas e participação no Old Grey Whistle Test, um dos principais programas de TV britânicos. E foi Lynyrd fazendo "show" bombástico de 45 minutos que foi transmitido ao vivo para todos os lares do país.

One More From The Road (1976)



Duplo ao vivo gravado no Fox Theater, em Atlanta. Com Tom Dowd novamente nos botões, *One More* é considerado um dos grandes duplos ao vivo dos anos 70. Agora com Steve Gaines na terceira guitarra, o Lynyrd Skynyrd era, uma das maiores atrações do Rock mundial; grande prova disso foi as vendas desse disco duplo, que por pouco não chegou à estratosfera.

Apesar de não estarem ainda completamente entrosados com o novo guitarrista (reparem como a guitarra de Gaines está baixa na mixagem), "Turn Of The Screw" e a versão para "Crossroads" (inspirada mais na versão do Cream do que na original de Robert Johnson) não deixavam dúvidas de que a banda estava prestes a ingressar numa melhor fase. Só a inclusão de "Travelin' Man", faixa que não está presente em nenhum álbum de estúdio da banda, já vale o investimento. Dica: a MCA lançou em 2001 uma edição de luxo em CD duplo para *One More From The Road*, completamente restaurada e remasterizada, contando ainda com algumas faixas extras que não estavam no LP original, como "Simple Man".

"Gimme Back My Bullets" (Lynyrd Skynyrd)

Street Survivors (1977) ★★★★★

Sem dúvida o melhor disco da banda. Steve Gaines, que apareceu timidamente no disco ao vivo, agora mostrava ao que veio, dominando *Street Survivors* com seu incrível talento. Gaines compõe as maravilhosas "I Know A Little", "I Never Dreamed", "You Got That Right" e "Ain't No Good Life", essa última contando com seus afiados vocais que também aparecem num inusitado dueto com Van Zant em "You Got That Right". Depois de uma fase difícil, com muitas críticas e decepções, o Lynyrd Skynyrd voltava com tudo aos estúdios e lançava seu clássico definitivo. A abertura com "What's Your Name", "One More Time" (outra antiga canção da banda), a versão para "Honk Tonk Night Time Man", original de Merle Haggard, e principalmente "That Smell", um dos melhores trabalhos de guitarra da história do Rock, causam até arrepio no ouvinte.

Três dias após o lançamento desse álbum ocorreu o acidente que matou Ronnie, Steve e Cassie Gaines. A famosa "capa do fogo" foi recolhida pela gravadora, mas mesmo assim ficou impossível não associar esse grande disco à tragédia atravessada por um grupo em plena ascensão criativa e musical.

"NADA CAPRICHOSO"

Depois de uma extensa e cansativa tour promovendo seus dois álbuns, o grupo decide partir para a produção de mais um disco de estúdio, o terceiro de sua recente, mas já bem vivida, carreira.

A banda parte para o estúdio com uma baixa: o batera Bob Burns não segura o tranco e pede demissão. A alucinante rotina álbum-tour-álbum-tour estava acabando com o cara. Para seu lugar foi contratado Artymus Pyle, experiente baterista de estúdio que já havia participado de gravações com outras duas instituições do Rock Sulista - Charlie Daniels Band e Marshall Tucker Band. Dono de uma pegada mais vigorosa e agressiva, o estilo de Pyle caiu como uma luva para o Lynyrd Skynyrd.

Burns, que havia partido logo após a primeira tour européia da banda, deixou gravado uma faixa inédita chamada "Saturday Night Special", que seria o carro-chefe do próximo disco dos rapazes – *Nuthin' Fancy*.

Fancy, ao contrário dos dois primeiro álbuns, foi composto "na marra" no estúdio. A banda passou 21 dias ensaiando e compondo. Se passassem 16 horas por dia dentro do estúdio, para eles ainda era pouco. Tudo com muita garra e vontade de se fazer mais um grande disco. O resultado final não agradou a banda e nem a crítica, daí Van Zant "batizar" o disco de *Nuthin' Fancy* (algo como "Nada Caprichoso"). O jeito era cair na estrada (essa era a parte que eles mais gostavam, diga-se de passagem)

A tour de *Nuthin Fancy* foi batizada de "Torture Tour" e teve duração de três meses (cerca de 61 apresentações). A digressão ficou marcada por muita bebedeira, drogas pesadas, confusão e quebra-pau. No rastro da banda hotéis destruídos, datas canceladas e performances desleixadas. Tudo isso culminou com a partida do guitarrista Ed King, mais um que não agüentou as bagunças de Ronnie Van Zant e sua trupe. Para se ter uma idéia do nível em que a gaiera andava, nos shows um roadie "gritava" detrás dos amplificadores a próxima música a ser executada, pois a banda não tinha condições de decorar a ordem do repertório, muito menos de anotá-lo num papel. Van Zant chegou até a dar uma declaração nessa época dizendo que, perto do que sua banda aprontava, o The Who parecia um grupo de garotos indo para a missa aos domingos

Com tanta baderna na estrada, Ronnie Van Zant sentia na pele as conseqüências de uma vida desregrada. Sua saúde vinha piorando bastante com o uso freqüente de bebidas e drogas pesadas. A gota d'água parecia ser o nascimento de sua filha, Melody, em 1976. Com uma família para cuidar, Van Zant passou a repensar sua vida e suas prioridades. Para os amigos mais chegados o vocalista avisou que estaria deixando a banda em breve para se dedicar exclusivamente à sua família

GUITARRAS, VOCALISTAS FEMININAS E MUNIÇÃO PESADA

Com a saída de Ed King "a crise criativa" que a banda atravessava parecia não ter data para acabar. O empresário Peter Rudge, preocupado com o futuro incerto do grupo, convoca o experiente produtor Tom Dowd para "guiar" a banda no estúdio durante a gravação do próximo álbum, batizado de *Gimme Back My Bullets*.

A capa trazia um sexteto, somente com duas guitarras, o que preocupava os mais atentos fãs da banda. Apesar da boa qualidade do disco, superior ao anterior, as vendas caem vertiginosamente - *Gimme Back My Bullets* foi o disco do Lynyrd que menos vendeu.

Nos shows, a faixa título teve de ser limada pois sempre que a banda a executava, uma chuva de balas de revolver 38 vinham em direção ao palco. Ronnie, temendo que em breve os fãs não mais arremessassem essas balas com as mãos, mas sim atirassem-nas com seus revólveres, toma a sábia decisão de excluir a música do set list

Justamente nessa tour um trio vocal feminino é chamado para reforçar os vocais de Ronnie. Eram elas: Jo Billingsley, Leslie Hawkins, e Cassie Gaines, carinhosamente chamadas de Honkettes

Apesar da "família" crescer cada vez mais, principalmente em cima do palco, a aquisição do terceiro guitarrista se fazia cada vez mais necessária. No desespero fazem até audições com Leslie West, que estava se aventurando numa carreira solo, já que o Mountain havia encerrado definitivamente suas atividades em 1974.

West chegou até a dar várias canjas com a banda na tour de *Gimme Back My Bullets*, mas na hora "H" a química não rolou.

Cassie Gaines, uma das vocalistas de apoio, comenta com Ronnie Van Zant que seu irmão mais novo toca guitarra e estava aborrecido com sua banda, a Crawdad. Como Van Zant não tinha dado muita trela para

Steve Gaines, o eterno "terceiro guitarrista" do Lynyrd e a banda com o amigo Leslie West

a história, Cassie tentou convencer o guitarrista Allen Collins a convidar seu irmão Steve para uma Jam durante o próximo show do Lynyrd.

Allen topou e chamou Steve para tocar "T For Texas", um velho tema de Jimmie Rodgers, junto da banda. Com Allen e Gary solando a mil por hora, o jovem Steve esperou timidamente a sua vez, puxou um slide do seu bolso e simplesmente tocou maravilhosamente, deixando todos espantados

QUEM SABE FAZ AO VIVO

Como a gravação de um disco duplo ao vivo estava nos planos da banda, a escolha de Steve Gaines pareceu a opção mais prática e acertada. Nas jams Steve já havia encantado a todos com sua bagagem musical. Além de excelente guitarrista solo, o garoto ainda cantava e levava muito jeito para composições, tendo seu estilo, logo de cara, compatibilizado com o de Van Zant.

Em apenas um mês de ensaios com o grupo, Steve Gaines já era tratado pelos companheiros como membro permanente do Lynyrd Skynyrd Gary Rossington considerava Steve uma espécie de dádiva divina, alguém que só traria benefícios para sua banda. O astral, que andava baixíssimo dentro do grupo, passou a ser outro. Nesse pique, se mandam junto com o produtor Tom Dowd para Atlanta, cidade onde gravariam seu "live album"

O local escolhido foi o pequeno, porém aconchegante, Fox Theater. Considerado por muitos uma casa de espetáculos com ótima ambiência acústica, o Fox serviu perfeitamente como palco para o Lynyrd Skynyrd transportar toda a garra de suas apresentações para o vinil. Os shows gravados aconteceram nos dias 07, 08 e 09 de julho de 1976 e captaram na perfeição o pique do grupo. Dowd não deixava os integrantes sossegados em nenhum momento. Terminada uma apresentação, o produtor fazia os músicos ouvirem o que havia sido gravado, exigindo que na noite seguinte certas passagens fossem executadas com maior perfeição. A tática de Dowd também foi de suma importância na escolha do repertório, já que se uma canção não funcionasse na noite de estréia, outras músicas seriam executadas nas demais, o que criava um bom leque de opção para se escolher as faixas que entrariam no álbum

Com o lançamento do duplo *One More For The Road*, ficava claro que o Lynyrd Skynyrd era um dos melhores shows para se conferir naquele verão de 1976. Grandes estádios e festivais passam a ser rotina para a banda. Foram uma das atrações principais no mega-concerto para a campanha de Jimmy Carter à presidência dos EUA, realizado no Gator Bowl Stadium. Na Inglaterra deixam uma imensa platéia de queixo caído ao se apresentarem no festival de Knebworth, que naquele ano tinha os Rolling Stones como headliners (esse show do Lynyrd está devidamente registrado no filme *Freebird*) A Europa literalmente cai aos pés desses caipiras. No velho mundo, todo mundo ficava estarrecido com os shows! Nos encartes dos álbuns, um agradecimento especial se fazia obrigatório – "Thanks To The People Of Europe", como pode ser conferido na contra-capa do elepê *Gimme Back My Bullets*, lançado por aqui em 1976 (Eu tenhôô!)

Até no **Japão** o Lynyrd Skynyrd fazia muito sucesso As tours por lá eram sempre um sucesso e com tanto prestígio mundo afora, o velho ônibus no qual a banda excursionava foi trocado por um avião particular

SUPREMACIA SULISTA AO VIVO E EM ESTÚDIO

A entrada de Steve Gaines revigorou uma banda em aparente estagnação criativa. Todos passavam a ter boas idéias novamente e a vontade de gravar um novo disco de estúdio era imensa. As novas composições apareciam espontaneamente na estrada, em quartos de hotel nas viagens, etc. Ronnie Van Zant se deu tão bem com Gaines que até abandonou a idéia de deixar a banda. o vocalista voltava a ter o mesmo tesão pelo palco do início de carreira.

Quando a banda já possuía material suficiente, se mandou para o famoso Criteria Studios, na Flórida, e novamente ao lado de Tom Dowd, iniciaram a produção de um novo álbum Quando tudo estava praticamente gravado os músicos acabam discutindo com Dowd e abandonam o estúdio, caindo na estrada e aproveitando a alta temporada de shows pela a América (o verão de 1977). Quem assistiu esses shows garante que o auge da banda era evidente, e o entrosamento, absurdo.

Terminada a pequena tour e com um disco para ser finalizado, voltam para o estúdio (sem Dowd, que relutou em voltar) e dão os toques finais em *Street Survivors*, que teve seu nome inspirado numa citação de Van Zant, onde ele afirmava que o Lynyrd Skynyrd era apenas um bando de gente que havia sobrevivido das ruas.

Maior sucesso da banda até então, o álbum já era disco de ouro mesmo antes de ser lançado. A qualidade não só das composições, mas também das execuções, sobressaia aos discos anteriores Mais uma enorme tour era planejada.

A TRAGÉDIA

Street Survivors foi lançado no dia 17 de outubro de 1977 e a tour teve início dois dias antes no Sportatorium em Miami, Flórida. Depois de mais dois shows a banda embarcou na Carolina do Sul com destino a Lousiana, no dia 20. A bordo de um avião alugado, um Convair 240, de 1947, toda a banda e mais parte de sua equipe estavam presentes.

Falar algo mais conciso sobre o acidente é difícil, pois existem várias versões para o caso. A mais confiável delas é a de que o piloto calculou errado a quantidade de combustível necessário para durar todo o percurso. Para piorar a situação, uma das turbinas entrou em pane, e sem combustível o avião começou a perder altitude. Os pilotos ainda desviaram a rota, buscando achar um aeroporto (ou uma área descampada que fosse) em McComb, Mississipi, para tentar um pouso forçado Infelizmente o avião acabou caindo no meio de um pântano em Gillsburg, Mississipi. É bastante falado também que Ronnie Van Zant se negava a viajar com cinto de segurança. O vocalista dormia no chão da aeronave e mesmo com a perda de altitude ele se recusava em sentar-se e apertar os cintos. Com a violência da queda, Van Zant foi arremessado para fora da aeronave e bateu numa árvore, morrendo instantaneamente.

Cassie Gaines sofreu um profundo corte na garganta e morreu nos braços do pianista Billy Powell. O guitarrista Steve Gaines também faleceu devido à violência do impacto. Além desses três integrantes, o acidente deixou mais três vítimas: o tour manager Dean Kilpatrick e os dois pilotos do avião.

Todos os passageiros sofreram ferimentos graves. Allen Collins e Artimus Pyle (com duas costelas quebradas) partiram desesperados em direção à floresta procurando por socorro. Depois de alguns quilômetros de caminhada na mata fechada, chegaram numa fazenda e conseguiram chamar os bombeiros.

Ali terminava, de forma trágica, a carreira de uma das principais bandas do Rock norte-americano dos anos 70.

No dia seguinte a notícia do acidente já percorria todo o continente. No auge do sucesso e prestígio, uma fatalidade alcançava aqueles garotos do Sul.

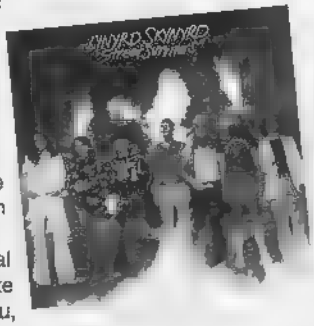
Alguns membros da equipe depois declararam que o avião vinha apresentando problemas nas turbinas e que os pilotos tinham alertado a banda sobre o problema ainda em solo. Ronnie Van Zant mandou um belo "Foda-se" e exigiu que levantassem vôo assim mesmo, já que tinham um show para fazer no dia seguinte...

Ronnie Van Zant costumava dizer que dificilmente passaria dos 30 anos de idade..

Ele morreu com 29...

EVIDÊNCIAS QUE AINDA IMPRESSIONAM

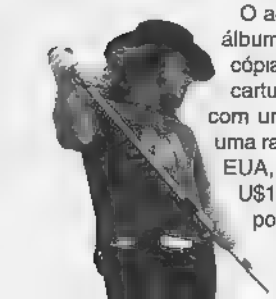
A capa original do disco ***Street Survivors*** trazia o grupo envolvido em chamas. O mais impressionante é olhar fixamente para a capa e ver o guitarrista Steve Gaines com os olhos fechados e com quase todo o corpo coberto pelas chamas. Ronnie Van Zant ao seu lado, com os punhos cerrados e um olhar de desespero chega a dar calafrios em qualquer fã.



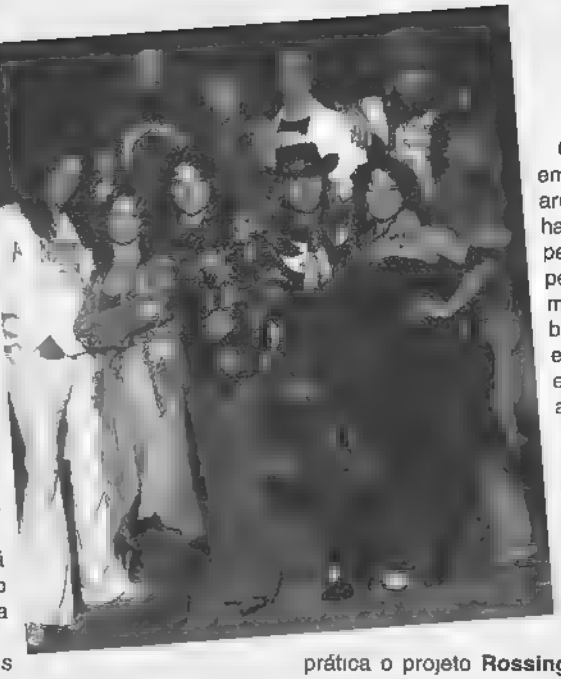
Além da capa, a prensagem original norte-americana do disco trazia um encarte com as datas da turnê que não aconteceu, batizada de "Tour Of The Survivors" (A tour dos sobreviventes). Um outro encarte, trazendo um merchandising da banda (camisetas, tour-books, etc.), vinha com o nome de "Survival Kit" (Kit de sobrevivência).

Do lado musical, a faixa mais impressionante do disco era "That Smell", um tema com letra pesada sobre os excessos do Rock N' Roll e da fama, onde num certo trecho Van Zant afirma: "The smell of death surrounds you" ("O cheiro da morte te rodeia").

E não para por aí. Outro trecho de "That Smell": "*Angel of darkness is upon you*" ("O anjo da escuridão está acima de você") e "*You'll be all right come tomorrow, But tomorrow might not be here for you*" ("Você estará bem para o amanhã, mas o amanhã pode não estar aqui para você"). Impressionante...



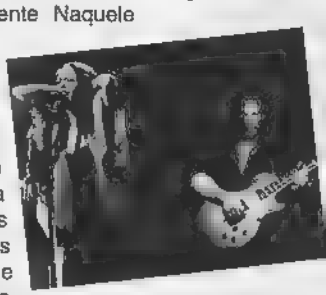
O acidente aconteceu três dias após o lançamento do álbum e a gravadora MCA mandou recolher todas as cópias das lojas, tanto do LP, como da fita cassete e do cartucho de oito faixas. *Street Survivors* foi relançado com uma foto da banda sem as chamas, o que tornou uma raridade os itens originais com a capa recolhida. Nos EUA, o LP atinge uma média de U$50 e o cartucho U$100. O item mais valioso é a fita cassete, vendida por U$ 250!



DEPOIS DA TORMENTA

O estado, não só físico mas, principalmente, emocional da banda estava completamente arrasado depois do acidente. Gary Rossington havia quebrado quase todos os ossos do corpo: pernas, braços, pulsos, pés, costelas e o osso pélvico. O guitarrista pensava em abandonar a música e nunca mais entrar num avião. O baixista Leon Wilkeson chegou a ficar internado em estado grave. Teve seu braço esquerdo esmagado e por muito pouco não sofreu uma amputação.

A banda só voltou a se reunir em janeiro de 1979, na quinta edição da *Volunteer Jam*, aquela celebração anual da música sulista, sempre organizada por Charlie Daniels. Na ocasião foi executada uma versão instrumental para "Freebird" em homenagem aos mortos no acidente. Naquele mesmo ano é colocado em prática o projeto **Rossington-Collins Band**. Além dos guitarristas: Gary Rossington e Allen Collins, também estavam presentes o tecladista Billy Powell, Barry Harwood como terceiro guitarrista, o baixista Leon Wilkeson, o batera Derek Hess e a esposa de Gary, Dale Krantz, nos vocais. Com esse time, lançaram apenas dois álbuns: *Anytime Anyplace Anywhere*, em 1980, e *This Is the Way*, em 1982. No último show da banda, Allen Collins - que estava ainda abalado pela recente morte de sua esposa, Kathy, jogou sua guitarra no chão e saiu andando, para nunca mais voltar...

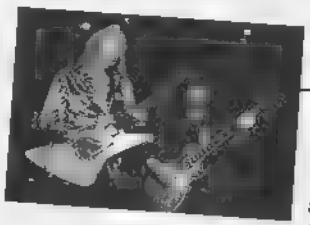


Tanto Rossington como Collins formaram novos projetos que foram verdadeiros fracassos de vendas e de crítica.

Em 1986, **Allen Collins** sofre um gravíssimo acidente automobilístico que o deixou paralítico. Sua namorada faleceu no acidente e o guitarrista só teria movimento da cintura para cima. No ano seguinte, o Lynyrd Skynyrd volta para uma Tribute Tour em celebração à memória dos ex-integrantes mortos dez anos antes, em 1977. Os vocais ficaram por conta do irmão mais novo de Ronnie, Johnny Van Zant.

Em 1989 o estado de saúde de Allen Collins piora bastante. O guitarrista não tinha conseguido se recuperar do terrível acidente e teve um pulmão comprometido desde a ocasião. Acabou adquirindo pneumonia e veio a falecer num hospital de Jacksonville, em 23 de janeiro de 1990.

Os anos 90 marcaram a volta definitiva da banda ao disco e a estrada, porém, com discos pouco inspirados, como *1991*, *The Last Rebel* e o acústico *Endangered Species*. A cena muda de figura em 1996, quando Gary Rossington convoca outras duas lendas do Southern Rock para assumir a linha de frente guitarrística da banda – **Rickey Medlocke** e Hughie Thomasson. Medlocke já tinha sido baterista do Lynyrd no início dos anos 70 e depois liderou o Blackfoot, banda de suma importância para o Rock norte-americano do final dos anos 70. Thomasson era o líder do Outlaws, outro belo exemplo da força do Rock Sulista yankee dos 70's. Com esse time de estrelas lançam *Twenty* (1997), *Lyve From Steel Town* (1998), *Edge Of Forever* (1999) e *Christmas Time Again* (2000).



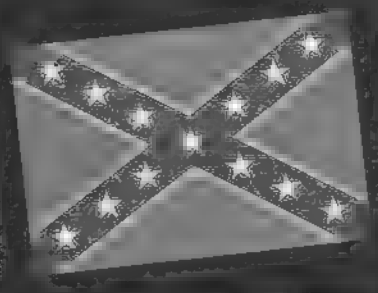
Em julho de 2001, Leon Wilkeson é encontrado morto num quarto de hotel. Depois de anos convivendo com sérios problemas no fígado e nos pulmões, o baixista acabou não resistindo.

Acostumados a tantas tragédias e perdas, o Lynyrd Skynyrd continuou em frente. Seus mais recentes trabalhos são os discos *Vicious Cycle*, de 2003, e o DVD/disco duplo *Lyve The Vicious Cycle Tour* lançado este ano, onde o grupo mostra novamente um tesão incrível pelo palco.

As últimas notícias dão conta que na primeira quinzena de outubro, o Lynyrd Skynyrd percorreu algumas cidades pelos EUA dividindo o palco com o Allman Brothers Band. Coisas que, infelizmente, ainda estão tão longe do nosso alcance...

SKYNYRD X NEIL YOUNG, AMIGOS OU INIMIGOS?

Tudo começou quando o astro canadense resolveu criticar alguns hábitos sulistas através das letras de duas canções: "Southern Man" e "Alabama". A principal crítica de Young era sobre o racismo desenfreado que rolava no sul dos EUA.
O Lynyrd Skynyrd como maior representante do "orgulho sulista", não poderia deixar barato e criou uma resposta às críticas de Young sobre o nome de "Sweet Home Alabama"



"Well, I heard Mister Young sing about her
Well, I heard old Neil put her down
Well, I hope Neil Young will remember
a southern man don't need him around anyhow."

"Bom, eu ouvi o Sr. Young falando sobre ele (o Sul)
Bom, eu ouvi o velho Neil rebaixando-o
Bom, eu espero que Neil Young se lembre
Que o homem do Sul não precisa dele por perto de qualquer maneira."

Bela alfinetada! O "esquentado" Ronnie Van Zant não perdoou e não admitiu que um canadense viesse criticar seus costumes. Young por sua vez não deixou barato e compôs "Walk On":

"I hear some people been talkin' me down,
Bring up my name, pass it 'round.
They don't mention happy times
They do their thing, I'll do mine."

"Eu ouvi algumas pessoas falarem mal de mim,
Falando meu nome por aí.
Eles não mencionaram os bons tempos
Eles fazem as coisas deles. Eu faço as minhas."

Alguns fãs de Young garantem que esse trecho era direcionado aos seus companheiros Crosby, Stills e Nash, mas fica claro ser uma resposta para o Lynyrd Skynyrd.
Ao rebater as críticas de Young, o Lynyrd Skynyrd passou a ser achado de um "grupo racista" até pela imprensa musical da época.
A verdade é que Ronnie Van Zant e Neil Young acabaram se tornando bons amigos, sendo que o bate-boca ficou restrito ao papel.
Ronnie não gravou uma camiseta de Neil Young (com a foto da capa do *Tonight's The Night*). Young declarou que gostava tanto de "Sweet Home Alabama" que era uma honra ser citado na canção, não importando qual o motivo de tal citação.
Ronnie declarou que as letras de sua polêmica canção não passavam de uma piada. Elas simplesmente "apareceram" daquele jeito na sua cabeça e foram passadas para o papel. Van Zant deixou ainda bem claro: "Nós amamos Neil Young, realmente amamos sua música..."
O que pouca gente sabe é que Neil Young chegou a oferecer uma de suas canções para o Lynyrd Skynyrd gravar, a pedido da própria banda. Numa entrevista publicada na revista inglesa Mojo Young explicou melhor: "Eles queriam gravar uma das minhas canções, então mandei para eles uma demo com a música Powderfinger! Por muito pouco eles não a lançaram antes da minha versão (que está no disco *Rust Never Sleeps*, lançado em 1979)".

Young ainda confirmou que o Lynyrd gravou "Powderfinger", mas nunca a lançou oficialmente...
Depois do acidente aéreo, Neil Young fez um show em Miami (no dia 12/11/1977) que contou com a inclusão de sua música "Alabama" (ele raramente tocou essa música ao vivo). No refrão, ao invés de cantar Alabama, Neil emendava a frase "Sweet Home Alabama", uma justa homenagem aos integrantes mortos no acidente. E as homenagens não pararam por aí, no filme do show *Rust Never Sleeps*, o baixista do Crazy Horse, Billy Talbot, aparece vestindo uma camiseta do Lynyrd Skynyrd, mais especificamente aquela baseada no rótulo da Jack Daniel's.
No vídeo *Weld*, é a vez de um fã de Young exibir uma tatuagem em homenagem ao Lynyrd Skynyrd. Tudo isso sem contar as vezes que Neil Young tocou "Sweet Home Alabama" em suas tours...
Com toda rivalidade musical, muitos boatos foram criados ao redor do tema. Um deles era que Neil Young tinha carregado o caixão de Ronnie Van Zant, que por sua vez fora enterrado com a camiseta de Neil Young...boataria pura...Young não apareceu no enterro e Van Zant foi sepultado num caixão lacrado, ou seja, ninguém realmente viu que roupa ele estava trajando...

TRIBUTO AO LYNYRD SKYNYRD

Tiba (Garagem Hermética) / Marcelo Watanabe
Marcello Schevano (Patrulha/Carro Bomba)
Xande - Soneca - Paulão Thomaz (Baranga)

contatos para shows: (11) 5052-2334 / 3812-4314 / 9116-5998

Barraca do Diaz LP's

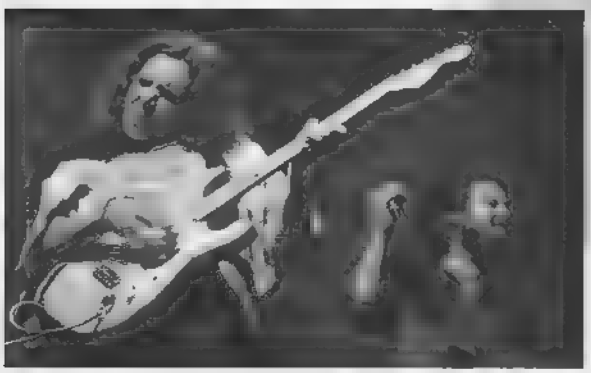
Raridades do mundo da música

Rock anos 60 e 70 - Bossa Nova - Soul Music
MPB - Jazz Rock etc.

Compra - Venda - Troca

Todos os sábados das 09:00 às 18:00 hs
Pça. Benedito Calixto (rua dos discos) - Pinheiros
(entre a Cardeal e a Teodoro) - São Paulo - SP

DILLO D'ARAUJO



A NOVA SENSAÇÃO DO BLUES BRASILEIRO

Dillo D'Araújo é um dos mais expressivos representantes da cena Blues não só de Brasília, mas do Brasil também. O garotó acaba de lançar CrocoDillo Gang, esbanjando propriedade e confiança no estilo. A influência dos maravilhosos anos 70 é palpável em quase todas as faixas. Blues, Southern Rock e até levados funkeados são a especialidade de Dillo. Confira esse bate papo exclusivo com o bluesboy de Brasília.

pZ - *No encarte de CrocoDillo Gang você agradece só feras da guitarra (Hendrix, Page, Beck, Winter), os três "Kings" do Blues (Albert, Freddie e BB), ícones da música negra norte-americana dos anos 70 (Stevie Wonder e Bill Withers) e até Luiz Gonzaga e Pixinguinha. De onde vem essa paixão pela boa música e como essas diversas (e ótimas) influências refletem no seu estilo?*

Dillo - Meu pai, músico auto-didata, tinha o hábito de comprar discos nos finais de semana. Música na minha casa era uma constante e pra minha sorte ele tinha bom gosto. Passei a infância ouvindo Luiz Gonzaga, entre outros arquitetos da música popular brasileira, até que veio a adolescência e comecei a comprar meus próprios discos. Meu primeiro disco foi um vinil do Hendrix ao vivo no Monterey Pop, edição francesa (pura sorte, não fazia idéia, comprei pela capa que tinha uma stratocaster em aquarela), na seqüência *Led Zeppelin IV*, Deep Purple *Made in Japan*...daí pra frente foi só marretada na cabeça, uma atrás da outra: Clapton, Winter, Free . Até hoje guardo na memória o cheiro específico que aqueles vinis tinham, passava horas e horas observando os encartes, inebriado pelo som. Como sempre estava pesquisando e lendo revistas, que eram poucas. Uma coisa puxou outra e outra e etc...

pZ - *Como anda a cena Blues de Brasília? O público é grande? Existem muitas casas para se fazer shows do estilo? E o que seria o Clube do Blues?*

Dillo - Em Brasília existe uma parcela da população que sustenta o pequeno mercado deste segmento, o problema é que como são poucos os lugares para tocar, o músico esgota a cena local em um ano, e, proporcionalmente ao número de habitantes, é bem pequena a fatia do bolo destinada aos blueseiros. O Clube do Blues é uma confraria de bandas locais, capitaneada pela Jussara e o Luís Kaffa, líder da Brazilian B ues Band Eles têm ótimas minutas, só que esbarram em dificuldades no que tange a apoio do governo e captação de recursos, para executarem seus projetos. Mas ainda assim conseguem fazer um barulho local.

pZ -*Ouvindo o disco percebi várias sonoridades bem setentistas. Tanto uma característica mais para o Rock Sulista norte-americano de grupos como o Allman Brothers Band e Lynyrd Skynyrd como pitadas de um bom Rock inglês na linha do Humble Pie, Cream e Rolling Stones. Tem até uma faixa chamada Blind Faith, seria uma homenagem ao super-grupo de Eric Clapton e Stevie Winwood?*

Dillo - A "Blind Faith" do disco é um protesto contra o que estão fazendo com a religião hoje em dia, a fé manipulada, igreja eletrônica e etc..., tudo sob as bênçãos do capitalismo e a lógica do acúmulo que está arruinando a humanidade. Adoro Clapton e Winwood, mas fé cega era o título apropriado para a canção Sobre Rock inglês e southern Rock..., são estilos que me fascinam...acho que nasci na década trocada.

pZ - *Você curte comprar discos? Tem preferência pelo vinil, CD ou MP3?*

Dillo - Minha vida é música, adoro fitas K7, vinis, Cd's, Dvd, mp3, 4, 5. ., e todo o tipo de material fonográfico. Gostaria de poder adquirir muito mais do que compro freqüentemente, mas o preço do dólar e o arrocho financeiro que o dia a dia e a vida nos impõe é muito severo com nossos desejos.

pZ - *No Brasil, Blues é música de grã-fino, magnata. Na América é o oposto, é música dos guetos, da classe trabalhadora... Você acha que o Blues pode se tornar algo mais popular aqui na terra do Samba?*

Dillo - Tanto acredito que estou apostando a minha vida nisso, se este barco naufragar eu vou junto, mas reconheço que será uma luta diária por toda a vida, numa batalha que se estenderá por longos anos.
Defendo não só o Blues, adoro a boa música de uma forma geral. Este lixo descartável que impera no planeta me dói nos ossos, mas enquanto houver Dillo's e Bento's Araújo, a resistência estará instalada.

pZ - *E os shows, alguma previsão para apresentações em São Paulo, Rio e Sul do país?*

Dillo - Estou seco pra sair tocando e divulgando o CD pelo Brasil, mas são poucos os festivais e casas de Shows especializadas, e pra piorar, passagens, hospedagem, alimentação e um cachê básico, parece exigência de superestrelas pra alguns empresários e produtores brasileiros. Estou me mudando para São Paulo em 2005, acho que vou poder tocar com mais freqüência pois temos capital e interior. Daí os paulistanos vão enjoar da minha cara (risos...).

Mais informações no site. **www.dillo.com.br**

CARRO BOMBA

APOSTANDO NO FORMATO POWER TRIO

Quando chegou a notícia que um novo trio estava se formando aqui na paulicéia desvairada, o impacto não tinha sido dos maiores. Bastou saber quem estava envolvido no projeto para esse impacto realmente vir a abalar a nossa cena roqueira.

Esse trio é formado por três malucos já bem conhecidos dos bares da cidade. Marcello Schevano na voz e guitarra, Fabrizio Micheloni no baixo e vocais e Ricardo "Bonx" Luiz na bateria e vocais. A cozinha já atordoava os vizinhos dos points roqueiros de Sampa sempre com um volume alucinante. Marcello Schevano é também integrante da Patrulha do Espaço e esse seu novo projeto tem tudo para literalmente estourar pelo Brasil.

MICHELONI BONX SCHEVANO

O auto-intitulado disco de estréia dos rapazes é um atentado sonoro como há um bom tempo não se ouvia. As 10 faixas do álbum carregam um peso absurdo, vocais ganchudos e o mais bacana de tudo, uma rifferama de fazer inveja, bem na escola setenteira de bandas como o velho Sabbath, Blue Cheer, Cream e Mountain. Basta sentir a onda dos caras em músicas como "O Dobro Ou Nada", "Raivosas Roedoras", "Rock 'n' Roll Machine", "Ode À Bohemia" e "Louco De Dar Nó", essa última com uma interessante construção na sua introdução. Os Riffs ganham peso extra quando dobrados pela guitarra e baixo. Quando rola um solo, o baixão segura a onda em alto estilo, como na faixa que carrega o nome do grupo.

"Sonhos" é algo situado entre o James Gang de John Walsh e o Sabbath velho de guerra, trazendo ainda uma linha esperta de baixo de lambuja. "A Hora Agora É De Fazer Valer" é pura levada anos 70 com um slide irresistível de Marcello. O pessoal também divide bem os vocais, o que torna a audição mais agradável.

"Vou explodir, bombardear auto falantes na cidade..." os meus já estouraram de tanto rolar o CD do Carro Bomba.

Só resta uma coisa a dizer, o Carro Bomba veio para estourar...

Se prepare, pois ele pode estourar perto de você..

Site oficial: www.carrobomba.com.br

LÍRIO DE VIDRO

DEPOIS DE 26 ANOS DE GAVETA, AS INÉDITAS GRAVAÇÕES DO LÍRIO DE VIDRO, LENDÁRIA BANDA PAULISTANA FORMADA EM 1977, VÊEM FINALMENTE A LUZ DO DIA.

Para quem viveu o Rock na Sampa do final dos anos 70, o nome Kim Kehl é sinônimo de uma guitarra bem tocada.

O guitarrista cannoto formou o Lírio de Vidro nas proximidades do bairro do Ibirapuera. Ao lado do baterista Ricardo "Índio" Cardoso, Raul "Zica" Müller na guitarra e Luiz "Frajola" Marcelo no baixo, Kim Kehl foi colecionando elogios da galera roqueira pelos quatro cantos da cidade. Os ensaios eram sempre feitos na garagem da casa de Dona Margarida, a avó de Kim. Foi justamente desses ensaios que saiu muito do material contido nesse CD lançado agora pela Medusa Records.

Na metade dos anos 70, Kim era um dos músicos mais requisitados do bairro da Pompéia. Por lá tocou com diversas bandas, sempre roubando a cena com sua guitarra invertida. Um de seus primeiros grupos foi o Pecado Mortal, fundado em 1975. Mas o reconhecimento veio somente com o Lírio de Vidro, que passou a tocar com as grandes bandas da época, como a Patrulha do Espaço, o Made In Brazil e o Tutti Frutti.

Foram também uma das atrações do Festival Rock & Jeans, organizado por Oswaldo Vecchione (Made in Brazil) e Luiz Carlini (Tutti-Frutti), que percorreu vários estados brasileiros em 1979.

O bacana do Lírio De Vidro é a liberdade e espontaneidade das composições. Por se tratar de ensaios, a audição deste CD se torna agradável por presenciar especialmente um grupo no seu auge, tocando desde o puro Rock, até virtuosos temas instrumentais, passando por baladas e até Blues, tudo com aquele delicioso "gostinho" dos anos 70.

As gravações foram efetuadas num antigo gravador de rolo Phillips dos anos 60, o que justifica a sonoridade crua do disco, no entanto não compromete a importância do registro. São ao todo 19 faixas (quase 77 minutos) que passam a limpo toda a carreira do Lírio de Vidro. As faixas mais conhecidas são "Mar Metálico", gravada pela Patrulha em seu segundo disco, e "Vampiro", gravada pelo Nasi & Os Irmãos do Blues.

O disco também traz um blues que tem como convidado o guitarrista André Cristovam.

O Lírio encerrou as atividades em 1979 e Kim assumiu a guitarra do Made In Brazil, com quem gravou o disco *Minha Vida é o Rock N' Roll* em 1980 e saiu pelo país tocando com a banda dos irmãos Vecchione. Nos anos 80, Kim lançou sua nova banda, o Mixto Quente, que teve um registro editado pelo selo Baratos Afins, em 1982.

De lá pra cá, Kim ainda participou de uma série de projetos: Ligação Direta, Maria Angélica Não Mora Mais Aqui (ao lado do Fernando Naporano), Abrão e os Lincolns e os Alquimistas. Atualmente o guitarrista se divide em dois projetos: Kim Kehl e os Kurandeiros, que teve um CD lançado em 2003, e acompanha a dupla sertaneja Rick & Renner mas garante que sua paixão é o Rock n' Roll!

www.kimkehl.com.br

15 MINUTOS DE FAMA NA BATERA DO

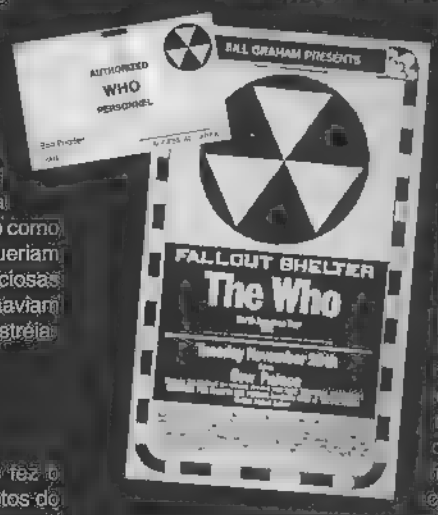
The Who

O banquinho da bateria do The Who é um dos lugares mais cobiçados do Rock. Depois da morte de Keith Moon, em 1978, o Who teve vários bateristas que tentaram, em vão, ao menos fazer algo parecido com o que Moon fazia. Kenny Jones tinha tocado no Small Faces (depois Faces) e era da turma de Pete Townshend. Tudo parecia "em casa", mas Jones era um bocado "duro" para realizar as maluquices percussivas de Moon. Depois inventaram de chamar o experiente Simon Phillips, ótimo baterista, técnico e preciso, mas nada a ver com o Who. Phillips é ótimo tocando temas mais complexos, no Rock mais básico, porém, o cara se atrapalha (basta conferir sua performance tocando "Stairway To Heaven" ao lado de Jimmy Page, no Arms Concert, aquele show para arrecadar fundos para o tratamento de Ronnie Lane). Depois veio Zak Starkey, filho de Ringo Starr, que se não é perfeito, ao menos é o que mais se assemelha ao estilo original de Moon. O que pouca gente sabe é que o Who teve um outro baterista além de todos esses, um sujeito chamado Thomas Scot Halpin.

UMA TOUR QUE PROMETIA

O The Who estava na América para dar início a tour do disco *Quadrophenia*, seu mais audacioso projeto, que até hoje divide a opinião dos fãs no quesito ópera-rock definitiva (uns dizem que *Tommy* é a melhor ópera do Who, mas eu fico com *Quadrophenia* e não abro). Os quatro lados do vinil contavam uma excitante história de um rapaz louco para achar sua identidade, tudo bem no centro do movimento Mod inglês da metade dos anos 60.

A data marcada para a estréia da tour era dia 20 de novembro de 1973, e o local o Cow Palace, em São Francisco. Meses antes da apresentação, a expectativa tanto do público como da crítica era enorme. Todos queriam conferir como o Who se sairia tocando aquelas audaciosas passagens do *Quadrophenia*. Os 13.500 lugares do Cow Palace haviam sido vendidos em apenas quatro horas, três semanas antes da estréia.



SHOW INUSITADO

Naquela noite, que entraria para a história, o Lynyrd Skynyrd fez o show de abertura. Não precisa nem lembrar que esses então garotos do Sul arrasaram. Estavam promovendo seu primeiro álbum (*Pronounced Leh-Nerd Skin-Nerd*), que acabara de ser lançado. Abrir para uma banda do porte do The Who era algo que precisava ser honrado e eles não deixaram por menos.

Com a casa lotada e repleta de uma moçada alegre, barulhenta e doidona (estamos em Frisco mari) o The Who entrou detonando três clássicos do seu já vasto e imponente repertório: "I Can't Explain", "Summertime Blues" e "My Generation".

Passadas as três primeiras músicas, havia chegado a hora mais esperada do concerto, a execução das músicas do badalado *Quadrophenia*. Seria um arraso conferir tudo aquilo ao vivo!

Passada a introdução de "I Am The Sea", o baixista John Entwistle chamava a bola da vez para si e mandava "The Real Me" (uma das mais impressionantes linhas de baixo do Rock!). A agressividade da canção já deixava todo mundo maluco.

O Who ousava como sempre e ia apresentando o seu denso e emocionante novo material, na forma de "The Punk And The Godfather", "I'm One", "Helpless Dancer", "5.15" e "Sea And Sand". Tudo ia perfeitamente bem até que na metade de "Drowned", Keith Moon começou a trazer o andamento para trás (como os músicos costumam chamar quando o andamento da música vai retardando). Moon estava com a aparência péssima, sendo que a metade do show ainda se aproximava e parecia que ele tinha corrido uma maratona completa. O batera cantou "Bell Boy" com muito esforço, trazendo todas suas forças para gritar aquele famoso "get the fucking baggage out!". Depois ainda vieram "Doctor Jimmy" e "Love Reign O'er Me", todas do álbum *Quadrophenia*.

Depois de apenas alguns minutos com o palco escuro, começa a rolar a introdução de "Won't Get Fooled Again", mas algo estava completamente errado. Keith Moon não havia executado suas partes de bateria, ele simplesmente não entrou na música. Pete Townshend, Roger Daltrey e John Entwistle viraram imediatamente para trás e viram Moon completamente inconsciente, desmaiado em cima das peças da bateria!

Os roadies vieram e rapidamente levaram Moon para o backstage, colocando-o debaixo de uma ducha gelada, tentando a todo custo reanimar o baterista. A banda terminou a música sem baterista, logo se retirando do palco. Ninguém na platéia tinha a mínima idéia do que estava acontecendo.

Moon parecia que tinha apagado mesmo e o primeiro integrante da banda pego de surpresa pelo desespero foi Pete Townshend, que voltou ao palco e abriu o jogo com a galera, dizendo que Moon estava mal, mas que eles estavam fazendo de tudo para trazê-lo de volta ao tablado. O guitarrista ainda ironizou: "O pior de tudo é que sem ele nós não somos um grupo!". Depois de meia hora de interrupção, Moon estava pelo menos com os olhos abertos (graças a uma poderosa injeção) e o Who resolve voltar ao palco do Cow Palace, como sempre, ovacionados pelos presentes.

Moon foi aparecendo timidamente no canto esquerdo do palco quando Pete o agarrou (nitidamente dando-lhe um belo tranco) e o trouxe bem para o meio do palco, dando a impressão que tudo estaria bem. Começaram até a trocar uns tapas, como sempre faziam nos shows, e Pete ergueu o punho de Moon como se este fosse o vencedor de alguma luta. Apesar das brincadeiras, estava na cara que Moon não estava nada bem.

Pete arrastou Moon até seu kit e a tensão começava a tomar conta do imenso Cow Palace. O baterista ficou lá, sentado com cara de apavorado e Pete começou a afinar sua guitarra, tudo isso com a platéia fazendo aquele habitual barulho infernal.

Daltrey, Townshend e Entwistle se olhavam entre si e encaravam Moon. "Magic Bus" seria a próxima música. Moon até que levou bem o início da canção, batendo seus bastões de madeira entre si, como sempre fazia em "Magic Bus". Na hora de entrar com a bateria aconteceu o que já era esperado: Moon despencou encima do seu kit e ficou apoiado entre as caixas e os tons, completamente inconsciente. Os roadies carregaram o baterista para o backstage enquanto que os outros três membros do Who passaram a improvisar, tentando ao menos entreter a platéia. Townshend puxou um riff e Daltrey o acompanhou com a voz. Sem pausa já emendaram uma versão de "See Me Feel Me". Foram sem bateria até o final da canção, com Daltrey fazendo a marcação em um pandeiro.

Um membro da equipe avisou a banda que Moon estava totalmente sem condições, inclusive já a caminho do hospital. Townshend relembrou o episódio anos mais tarde, no documentário Thirty Years of Maximum R&B: "Num certo ponto daquele show, Keith estava tocando muito mal. Ele caiu pra trás e ficou desacordado por uns instantes. A equipe o levou para os camarins e deram-lhe uma injeção, que o fez recuperar-se um pouco.

> ***"Algum maluco tinha falado para Keith sobre um tranqüilizante para animais, que se misturado com álcool dava um barato interessante. Esse tranqüilizante era colocado numa pistola e disparado contra o animal. Keith tomou uma dose inteira desse tranqüilizante! Depois do desmaio, fomos ver como ele estava e ele parecia morto. Mesmo assim resolvemos continuar..."***
>
> ***Pete Townshend***
> **(depoimento extraído do home video Thirty Years of Maximum R&B)**

Ele voltou, tocou mais meia música e desabou novamente...".

Pete, sem sequer consultar Daltrey e Entwistle, foi falando no microfone: "Alguém aqui sabe tocar bateria?" Até aí todo mundo estava pensando que o guitarrista estava só brincando, mas de repente, ele solta com um tom de voz bem sério: "Eu preciso de um bom baterista!". Você deve estar se perguntando: "Que ousadia querer substituir Keith Moon!" Faltavam somente três músicas para o fim do show e confesso que também não sei o que se passou na cabeça de Pete Townshend, que na edição de janeiro de 1974 da revista Rolling Stone explicou melhor: "Quando Keith desmaiou naquela noite, o nosso show tinha se transformado numa imensa humilhação. Eu queria manter o show rolando, tudo o que eu menos desejava era encerrar tudo naquela situação constrangedora e ver todo mundo ir pra casa resmungando depois de ter esperado oito horas na fila!"

Ainda bem que eles resolveram continuar, pois é justamente nesse momento que entra na história o herói da nossa matéria.

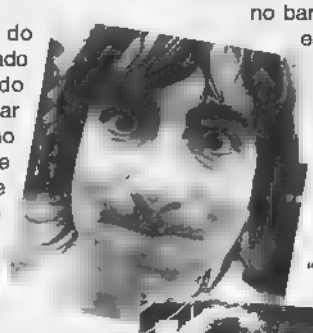
Um caso para se contar aos bisnetos

Sabe aquele show histórico que você assistiu na sua juventude? Aquele que provavelmente você irá contar para as próximas gerações, atazanando o coitado do seu filho, neto e, quem sabe, até bisneto..

Essa sua história sobre tal show não é nada perto da história que um tal de Thomas Scot Halpin tem para contar para seus primogênitos. Halpin, com 19 anos de idade na época, era um simples fã da banda inglesa. O garoto de Muscatine, Iowa, assistiu ao show do Cow Palace junto com um amigo também de Muscatine, Mike Danese. Ambos precisaram recorrer aos cambistas para conseguir um ingresso, já que o espetáculo estava completamente "sold out" três semanas antes.

Halpin e Danese gastaram uma bela grana, mas conseguiram duas cadeiras laterais bem próximas ao palco, de onde curtiram bastante os praticamente 70 minutos de show com Keith Moon na bateria.

Com o colapso do baterista e um desesperado Townshend perguntando por um substituto, um mar de braços se ergueu no Cow Palace e rapidamente havia se formado uma fila de bateristas na entrada do palco.



Halpin estava há mais de um ano sem tocar o instrumento, fato esse ignorado pelo seu amigo Mike Danese, que sentiu a possibilidade de Halpin subir naquele palco e tocar com ninguém menos que o The Who. Danese passou a gritar e pular tão insanamente que acabou chamando a atenção do lendário empresário Bill Graham (padrinho e mentor das mais importantes casas de shows da América: os Fillmores, o Winterland Ballroom, entre outras)

Graham chegou para a dupla e perguntou a Halpin se ele estaria confiante para sentar na bateria de Keith Moon, encarar aquelas 13 500 pessoas e tocar as três músicas que ainda faltavam ser executadas pela banda. Danese, sem deixar Halpin abrir a boca, garantiu para Graham que seu amigo era o melhor baterista da platéia e que não se arrependeria da escolha. Em cerca de dois minutos Halpin já entrava no palco e cumprimentava Towshend Os roadies o levaram até a bateria e lhe mostraram todas as peças, dando-lhe um par de baquetas No final da década de noventa Halpin chegou até a ser entrevistado por um jornal de São Francisco e relatou: "Eu caminhei para a bateria do meu maior ídolo no mundo da música e sentei no banco dele, que ainda estava quente.. Pete falou no meu ouvido: "Você tem que me seguir, olhe sempre pra mim e me acompanhe que tudo dará certo.."

O jovem substituto de Moon ficou no palco por cerca de 15 minutos e tocou com o Who

"Smokestack Lightning", "Spoonful" e "Naked Eye" encerrando o fatídico concerto. "Eu toquei aquelas três músicas com eles e a platéia, ao contrário do que eu pensava, não arremessou nada no palco e nem me vaiou", relembra Halpin. A revista Rolling Stone ainda elegeu Halpin, só de gozação, um dos músicos-revelação daquele ano de 1973. O figura ainda declarou para a revista: "Tudo aconteceu tão rápido que nem tive tempo para pensar no que estava acontecendo! Não deu tempo nem de ficar nervoso!"

"Set List apresentado pelo Who no show do Cow Palace

I Can't Explain
Summertime Blues
My Generation
I Am The Sea
The Real Me
The Punk And The Godfather
I'm One
Helpless Dancer
5.15
Sea And Sand
Drowned
Bell Boy
Doctor Jimmy
Love Reign O'er Me
Won't Get Fooled Again
Magic Bus
See Me Feel Me
Smokestack Lightning
Spoonful
Naked Eye

Em "Smokestack Lightning" e "Spoonful" o jovem baterista deu conta do recado sem chegar a comprometer o resultado final. Agora, botar o coitado para tocar "Naked Eye" foi loucura! O cara se perdeu completamente nas viradas alucinantes que só Moon sabia executar. Pete ainda tentou ensiná-lo dando alguns toques, o que não adiantou nada, pois "Naked Eye" foi um verdadeiro desastre. Estava acabado naquele instante o mais bizarro show da carreira do Who.

Festa no Backstage

O show já havia se encerrado, mas o sonho que Thomas Scot Halpin estava vivendo acordado estava longe de acabar. A convite de Roger Daltrey, Halpin e seu amigo Mike Danese foram gentilmente convidados para uma "festinha particular" com a banda e equipe no Backstage.

Daltrey, que naquela altura bebia Jack Daniel's direto no gargalo da garrafa, se mostrava muito gratificado com a participação de Halpin naquela ocasião. Ofertou uma jaqueta da Quadrophenia Tour para o jovem baterista e ainda lhe garantiu que mandaria entregar um cheque de U$ 1000 ao rapaz, como retribuição à "canja" daquela noite.

Moby Dick
CD'S e DVD'S
Nacionais e Importados
Jazz - Rock - Blues
Progressivo
COMPRA - VENDA - TROCA
Atendemos Via Sedex
Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar
Loja 364 - São Paulo - SP
Fone: 222-8517 - Fax: 3362-1912

BARATOS AFINS
Pioneira dos Independentes
25 anos de descompromisso com o sucesso!
"UM VEÍCULO FORA DO COMUM"
www.baratosafins.com.br
Fone: (11) 223-3629 - Fax: (11) 3361-3459
Av. São João, 439 - 2º andar - Lojas 316/318
Entrada também pela Rua 24 de Maio, 62
São Paulo - SP

Blackbird
Music Shop
www.blackbird.com.br
CDs, DVDs e Livros
Rock anos 60 e 70
Beatles - MPB
Telefax: 3141-9690
Av. Paulista, 1499 - loja 52
Galeria Trianon - Piso Casa Branca
São Paulo - SP

Halpin e Danese foram um dos últimos a sair do local. Ficaram impressionados com o tamanho da mesa de comida servida para a banda e equipe. Encheram a barriga e ainda levaram comida pra casa. Meses depois, Halpin recebeu uma carta escrita a mão por Pete Townshend, onde o músico agradecia aquela participação no Cow Palace. Mas nada do cheque prometido.

Graças aos seus quinze minutos de fama, o cara ainda descolou uma audição para baterista do Journey, mas é óbvio que não ficou com a vaga, que foi assumida pelo "monstro" Aynsley Dunbar

Depois daquela fatídica abertura de tour, o Who continuou na estrada promovendo o magnífico *Quadrophenia*. O grupo partiu direto para Los Angeles, onde fariam algumas apresentações Keith Moon chegou de cadeira de rodas e passou a maior parte do tempo dormindo no hotel. Dois dias depois o baterista estava recuperado e quebrou tudo (como sempre) nos shows do L.A. Fórum

Em 1976 o The Who voltou para São Francisco e fez um show no Winterland Halpin foi lá conferir seus ídolos novamente e encarou uma espera de quatro horas em frente à entrada das limousines da banda para tentar conseguir um ingresso. Sem sucesso e esbanjando frustração, o cara conseguiu achar Bill Graham, que o reconheceu e fez questão de levá-lo para finalmente conhecer seu ídolo, Keith Moon.

Hoje, aos 50 anos de idade, Thomas Scot Halpin é um pintor não tão bem sucedido. Largou a música e fica todo assanhado quando o assunto é aquele show de 1973. Confessou que adoraria rever o vídeo do show, gravado de forma amadora em duas câmeras P&B e propriedade exclusiva dos arquivos de Bill Graham (morto num acidente aéreo em 1991) Mas pode ter certeza de que a coisa que Halpin mais adoraria ver é o cheque de U$1.000 prometido por Roger Daltrey, e que até hoje não chegou.

STAND UP

www.standup-music.com.br

Progressivo, Hard Rock, Psicodélico, Jazz, 60's & 70's

Atendemos pelo correio para todo o país

Tel: (11) 3362-1561 / 9126-1127

Rua 24 de Maio, 62 2º andar - Loja 368
Cep 01041-000 São Paulo - SP

www.nuvemnove.com.br

nuvem nove

CD's - LP's - DVD's

Compra - Venda - Troca

Hard Rock Progressivo Metal Psicodélico Anos 50,60 e 70

Fone: 3078-7051

Rua Clodomiro Amazonas, 128 - Itaim Bibi - São Paulo - SP

Pérola Escondida

JERICHO

QUE AS MAIS FAMOSAS BANDAS DO ROCK ESTÃO NO EIXO INGLATERRA-EUA TODOS NÓS SABEMOS. MAS SERÁ QUE AS MELHORES BANDAS DO ESTILO ESTÃO MESMO APENAS NESSES DOIS LUGARES? COM UM POUCO MAIS DE INSISTÊNCIA, PACIÊNCIA E ESPÍRITO INVESTIGATIVO, PODEMOS DESCOBRIR GRANDES BANDAS EM PAISES QUE NÃO TEM TRADIÇÃO NO ROCK. SENDO ESSE UM FENÔMENO MUNDIALMENTE POPULAR, COM SUA PROPAGAÇÃO NA DÉCADA DE [illegible]
HÁ ALGUM TEMPO, COM OS OBSTÁCULOS AINDA MAIORES PARA QUEM ERA MÚSICO, EM ISRAEL UM JOVEM CHAMADO DANNY SHOSHAN, QUE ASSIM COMO ALGUNS OUTROS DO SEU PAÍS, TINHA O ROCK NA VEIA E [illegible] MÚSICA.
PELA PRIMEIRA VEZ, NOSSA SEÇÃO PÉROLA ESCONDIDA TRAZ UMA BANDA DE ISRAEL E TAMBÉM PELA PRIMEIRA VEZ "ACHAMOS" E [illegible] A SER ABORDADA NA SEÇÃO, NO CASO, DANNY SHOSHAN DO JERICHO. [illegible]

A história de Danny Shoshan está diretamente relacionada à história de três grandes bandas de Israel: The Churchills, Jericho Jones e Jericho.

O Churchills foi a primeira banda de Rock de Israel – formada em 1965. O grupo antes se chamava Churchills Hermits (em homenagem aos Herman's Hermits) e baseava-se na psicodelia, verdadeira paixão dos integrantes da banda.

Apesar dessa característica, para atingir um maior público, os Churchills montavam seu show com versões de canções Pop da época e alguns standarts da Soul Music norte-americana. Nessa fase quem liderava o grupo era Rob Huxley, um inglês que havia se mudado em definitivo para Israel. Huxley tinha tocado com o grupo The Tornadoes (aqueles de "Telstar") e já era bem experiente perto do resto da rapaziada.

Em 1968, com o aparecimento de bandas como o Vanilla Fudge, The Jimi Hendrix Experience, Doors, Pink Floyd e o Iron Butterfly, os jovens músicos de Israel literalmente "piraram" e passaram a ouvir esses grupos sem parar. A influência e os efeitos do fumo logo começariam a "bater". A banda começou a compor material próprio e a apostar na mescla do Rock com elementos da música do Oriente. Huxley vinha com a cartilha do rock inglês e os demais rapazes com a influência de música Hebraica e também Mediterrânea.

Descolaram uma vaga de banda de abertura para o Deep Purple pela Dinamarca, mas logo foram despedidos por tocarem muito alto e atrapalharem o "impacto" do grupo principal, no caso, o Purple. Nem um pouco desanimados, o grupo recebeu uma proposta de criação de uma trilha sonora para uma produção cinematográfica do cinema israelense – *A Woman's Case.* O filme bizarro teve uma trilha sonora lançada em LP somente em Israel, totalmente composta e executada pelos Churchills. A revista inglesa, *Record Collector*, considerou essa trilha, um dos álbuns de Rock Psicodélico mais raros e caros do mundo!

Foi justamente essa trilha que serviu de base para o primeiro disco oficial dos Churchills, lançado em 1968.

No começo de 1970, os Churchills recrutam um novo vocalista, Danny Shoshan, ex-integrante do Lions of Judea. A banda agora descambava para o Hard Rock pesado, graças as influências de Danny, grande fã de Robert Plant e do Led Zeppelin. Os dois primeiros singles lançados com Danny nos vocais já mostravam o que estaria por vir. Versoes para "She's A Woman" dos Beatles e "Living Loving Maid" do Led Zeppelin mostravam que a banda tinha definitivamente encontrado sua identidade.

Como em Israel nada acontecia para Danny e os rapazes, o jeito foi se mudar para Londres, em 1971. Com nova residência fixa, lá a banda poderia decolar, afinal de contas, tudo em termos de Rock acontecia naquela Londres do início dos anos 70. Nesse astral é gravado o maravilhoso registro *Junkies, Monkeys, and Donkeys*, trazendo uma sonoridade bem Hard, influência direta do novo vocalista Danny Shoshan. Como o nome The Churchills poderia causar um certo desconforto nos ingleses (Winston Churchill), um novo nome se fazia necessário – Jericho Jones. Já a formação que gravou esse disco contava com Danny Shoshan nos vocais, Haim Romano e Rob Huxley nas guitarras, Mike Gabbriellov no baixo e Ami Triebich na bateria.

Junkies, Monkeys, and Donkeys surpreende desde sua primeira audição. Mas, surpreendente mesmo é chegar na triste reflexão de que como uma banda como o Jericho Jones nunca chegou a estourar? Só ouvindo mesmo o álbum para sacar todas as diversas paisagens que a banda constrói com sua rica musicalidade. Hard, Psicodélico, Progressivo e até Pop sessentista são abordados. Belas e tranqüilas passagens melódicas se alternam com riffs cadenciados e solos de guitarra contagiantes.

O álbum começa com uma faixa de nome esquisito: "Mare Tranquilitatas", bem anos 60. "Man in the Crowd" já abre o jogo, peso absurdo em uma levada Hendrixiana acrescida dos vocais rasgados de Shoshan. A instrumental "Triangulum" é Zappa descarado! Poderia estar tranqüilamente em qualquer disco dos Mothers do fim dos 60's! Essa curta faixa serve apenas de introdução para a bacana "No School Today". A faixa-título é uma viajem de quase oito

minutos de duração, tendo como destaque as guitarras psicodélicas (como eles alcançaram aquele timbre?) e o potente vocal de Shoshan. A influência de Zappa pode ser novamente sentida nas guitarras da introdução de "What Have We Got To Lose", uma das melhores desse grande álbum que também trazia até uma versão para uma música do Mungo Jerry "Time Is Now". A gravadora italiana, Akarma, relançou o disco em 2002 com cinco faixas extras! Imperdível!

No ano seguinte (1972) o grupo resolveu simplificar o nome apenas para Jericho, lançando um disco homônimo, também gravado na Inglaterra. Dessa vez, apenas cinco faixas, começando com "Ethiopia", uma peça quase Heavy Metal só que composta em 1972! A semelhança com os primeiros trabalhos do Lucifer's Friend e do Scorpions é inevitável. "Justin and Nova" é a melhor faixa do disco, quiçá a melhor música da banda – arranjos de cordas e influências de Wishbone Ash e King Crimson marcam a nova fase do grupo, perfeitamente representada por essa faixa. "Don't You Let Me Down", "Featherbed" e "Kill Me With Your Love" são os demais temas desse clássico absoluto do Hard Rock dos anos 70

Ainda em Londres, conhecem Peter Grant, o famigerado empresário do Led Zeppelin. Grant vai conferir o grupo ao vivo e de imediato oferece um contrato e a possibilidade do Jericho abrir a tour do Led pela Europa. O problema é que o Jericho já tinha um manager, que nessa altura mais atrapalhou do que ajudou – o cara pediu um absurdo de grana adiantado para Grant, que por sua vez começou a desconfiar e desencanou da idéia. Graças a roubadas como essa, os músicos do Jericho levavam uma vida difícil em Londres, tendo que a cada semana vender parte dos equipamentos para se sustentar e pagar as contas.

Huxley, cansado da vida difícil, se manda para Miami, onde Stan Solomon (que havia sido um dos vocalistas do Churchills) lhe oferece um emprego. Era o fim do Jericho ..

Shoshan ainda ficou um tempo em Londres trabalhando como músico, e o os outros membros voltaram para Israel. Huxley virou sorveteiro (!) em Miami, mas sempre arruma tempo para tocar com sua banda nas horas vagas. Shoshan continua na ativa, vivendo de música, lançando discos e produzindo novas bandas para a cena local

Bom, agora é melhor deixar o próprio Danny contar um pouco da sua trajetória..

ENTREVISTA DANNY SHOSHAN

(POR MARCELO XAVIER E DENIS ARRÓJO)

pZ – *Como foram aqueles primeiros anos vivendo de música no Israel dos anos 60?*

Danny Shoshan – Eu fui um dos primeiros vocalistas de Rock do meu país e comecei minha carreira musical bem antes do Jericho. Eu vinha de uma família pobre e não foi nada fácil no início. O que ajudava é que a música estava constantemente presente na minha casa, com meus pais cantando o tempo todo, apesar da época difícil...

Em 1966, eu passei a me dedicar completamente à música, cantando e praticando contra-baixo por horas a fio. Minhas maiores influências eram The Beatles, The Kinks, The Shadows e por aí vai...

pZ – *Quais bandas se destacavam na cena local? E como foi seu primeiro contato com o Rock Pesado?*

DS- A melhor banda israelense da época era o The Princes. Eles faziam shows alucinantes em plena praia lá pelos idos de 1967. Eu gostava tanto da banda que acabei sendo convidado a integrá-la (risos). Fiquei muito feliz pois agora eu estava numa banda de verdade. Fazíamos muitos shows pela Alemanha e até descolamos uma residência fixa de três meses no Starclub de Hamburgo, aquele famoso clube onde os Beatles começaram em 62/63. Num fim de semana, fomos banda de abertura para Jimi Hendrix e seu Experience! (ver foto no topo da página).

Depois saí do Princes e entrei para outra banda local - The Lions. Depois de dois anos morando em Londres fui convidado para integrar o Churchills – era como se estivesse finalmente encontrado um lar .

Já o meu primeiro contato com o Rock Pesado foi feito através do *Led Zeppelin II*. Um amigo meu ganhou uma cópia de presente do seu pai e a gente o ouvia sem parar. Nunca irei esquecer a sensação de ouvir aquele som...

pZ – *O Jericho tocou em vários países?*

DS - Sim. Com base firmada em Londres nós fizemos várias tours pela Europa. Nossos álbuns foram lançados em mais de 20 países. Fazíamos muito sucesso na Itália, onde sempre tocávamos em grandes festivais. Na França, fizemos também uma tour muito bem sucedida com o Mungo Jerry...

Em 1972, chegamos no topo das paradas na África Do Sul e fomos convidados para tocar junto com uma excelente banda local, os Hawks

pZ – *O que você anda fazendo atualmente? E como anda a cena musical de Israel?*

DS - Eu ando bastante ocupado, tocando com minha banda e produzindo novos grupos. Sou proprietário de um selo chamado Rose Productions, e estou sempre dando uma força para as bandas iniciantes do meu país. Temos um grande problema na nossa cena musical. Infelizmente o que faz sucesso por aqui é o Pop do Oriente. Mas não posso reclamar, pois sempre que o assunto é o Rock, todos mencionam o nome do Jericho e do Churchills. Fomos à primeira banda de Israel a construir uma carreira e ter projeção internacional.

pZ – *O que você conhece da música brasileira?*

DS – A música brasileira é o som da felicidade e da harmonia! Devo admitir que só conheço os grandes nomes como Antônio Carlos Jobim e João Gilberto, que além de serem excelentes músicos, possuem uma bela voz. Adoraria poder conhecer novos talentos da música brasileira e também bandas de Rock do Brasil. Um antigo sonho meu é conhecer o Brasil, apreciar toda sua beleza e sua música...Quem sabe isso não acontece em breve ..

pZ – *Mande um abraço para os leitores da poeira ..*

DS – Queria agradecer a poeira Zine pela entrevista e deixar claro que é um imenso prazer poder contar um pouco da minha trajetória aos fãs brasileiros. Um grande abraço aos leitores e aos amantes da boa música. Long Live Rock N' Roll, Deus abençoe a todos.

Quem quiser saber mais sobre Danny Shoshan pode visitar o site dele: ***www.dannyshoshan.com***
É uma boa deixar uma mensagem no fórum do site! O cara confessou estar ansioso para trocar e-mails com o pessoal do Brasil...

CAPTAIN TRIPS

João Pacheco

Rock dos anos 60, 70, e 80

www.feirabeneditocalixto.com.br/ctrips.htm

jmcpacheco@hotmail.com

CD's & LP's / Compra - Venda - Troca

Todos os sábados das 09:00 às 18:00 hs

Pça. Benedito Calixto (rua dos discos) - Pinheiros

(entre a Cardeal e a Teodoro) - São Paulo - SP

Faculdade Souza Lima & Berklee

Faculdade Internacional Livre de Música do Brasil

Reconhecida pela Berklee - EUA

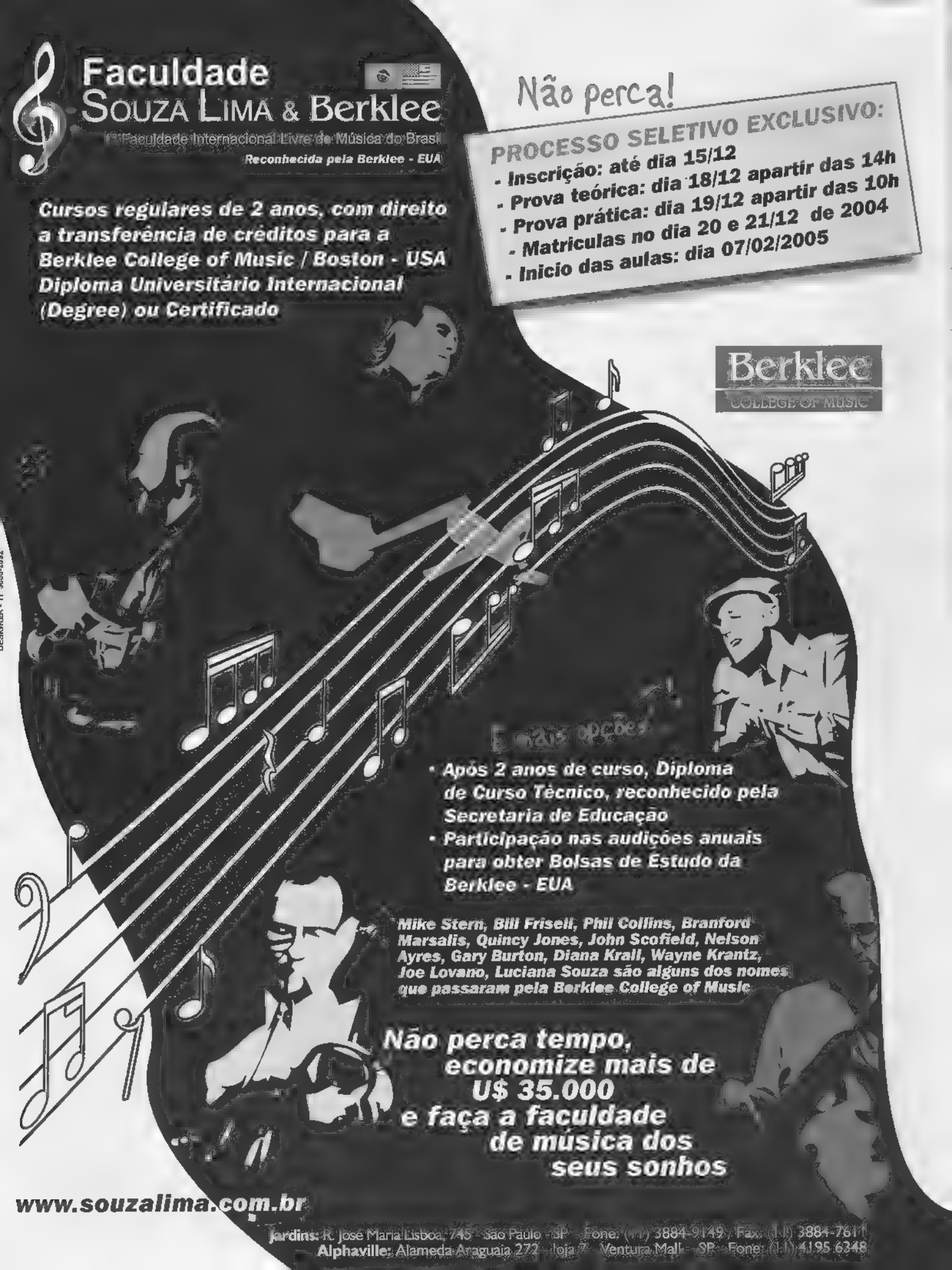
Cursos regulares de 2 anos, com direito a transferência de créditos para a Berklee College of Music / Boston - USA
Diploma Universitário Internacional (Degree) ou Certificado

Não perca!

PROCESSO SELETIVO EXCLUSIVO:

- **Inscrição: até dia 15/12**
- **Prova teórica: dia 18/12 apartir das 14h**
- **Prova prática: dia 19/12 apartir das 10h**
- **Matriculas no dia 20 e 21/12 de 2004**
- **Inicio das aulas: dia 07/02/2005**

Berklee
COLLEGE OF MUSIC



- ***Após 2 anos de curso, Diploma de Curso Técnico, reconhecido pela Secretaria de Educação***
- ***Participação nas audições anuais para obter Bolsas de Estudo da Berklee - EUA***

Mike Stern, Bill Frisell, Phil Collins, Branford Marsalis, Quincy Jones, John Scofield, Nelson Ayres, Gary Burton, Diana Krall, Wayne Krantz, Joe Lovano, Luciana Souza são alguns dos nomes que passaram pela Berklee College of Music

Não perca tempo, economize mais de U$ 35.000 e faça a faculdade de música dos seus sonhos

www.souzalima.com.br

Jardins: R. José Maria Lisboa, 745 - São Paulo - SP - Fone: (11) 3884-9149 / Fax: (11) 3884-7611
Alphaville: Alameda Araguaia 272 - loja 7 - Ventura Mall - SP - Fone: (11) 4195 6348

Caravan

e o lado mais melodioso do Progressivo

por Sérgio Alpendre

Pye Hastings, para muitos o líder do Caravan, sempre disse que não gostava de solos, e estava muito mais interessado na estrutura melódica das composições do que em exageros técnicos. Nada mais deslocado do espírito progger do que esse pensamento. Por outro lado, é isso que faz da banda um dos mais curiosos produtos do estilo, juntamente com Van der Graaf Generator e Hawkwind, outras duas bandas que davam de ombros para o virtuosismo desnecessário. Apesar de alguns solos virtuosísticos do órgão de David Sinclair e dos arranjos intrincados de suas músicas, notadamente as suítes, o Caravan pode ser considerado um estranho no pretensioso ninho prog, graças à maior concentração de seus músicos na linha melódica pura e simples, sem divagações sinfônicas e barrocas que preenchiam as canções de um brilhantismo estéril, mas por muitas vezes agradável de se ouvir, as belas composições de bandas como Genesis, Yes ou Camel. Aqui cabe um esclarecimento adoro as bandas citadas, até mesmo nos momentos de exageros sinfônicos; mas, artisticamente, não é o apuro técnico que faz das bandas o que elas são e sim a mão certa para a melodia. Isso as diferencia de imitadores como Starcastle, Druid e Neuchwanstein (ainda que estas tenham também seus grandes momentos).

ELP é outra coisa. ELP é o encontro com ambições eruditas, para alguns eruditóides, que se não chegavam a destruir por dentro todo o significado de uma busca contida na palavra progressista (termo que diz muito sobre as nobres e deturpadas intenções do estilo), ameaçavam o cerne dessa busca com uma diluição sem precedentes. A música deles era imensamente talentosa, mas em desacordo com a proposta original do gênero, avessa a estabelecimento de normas qualitativas. Caravan pode muito bem ser considerado o outro lado da moeda. Sem a audácia conceitual do trio estelar (que tem em *Works vol 1* o maior exemplo negativo de seu gigantismo e nos quatro primeiros discos a prova de que mesmo com os exageros era possível se fazer boa música) e as preambulações requintadas e de forte apelo comercial (na época) do Genesis, pra encerrar uma outra vertente do prog em sua mais influente banda, não esquecendo da faceta mais jazzística (Soft Machine), nem da mais experimental (King Crimson), sobrava para o Caravan a doce missão de nos entregar a cada novo trabalho as melodias mais belas de sua época.

Das cinzas do Wilde Flowers surgiram os dois cânones do prog canterburiano: Soft Machine e Caravan. As duas bandas, cada qual a seu modo, tinham um estilo tão peculiar, tão emotivo, que influenciaram uma penca de outras bandas, seja pela estranheza provocada pela sonoridade única, seja pela busca melódiosa a que mesmo o lado mais jazz do Soft Machine estava condicionado. Bandas como Gong, Egg, Public Foot the Roman ou Henry Cow, além do genial Kevin Ayers, tendo

maior ou menor ligação com Canterbury (geralmente por causa de um de seus membros, ou por ligações destes com músicos de Canterbury), levaram adiante a proposta formando um legado difícil de ser esquecido quando se quer entender o Rock Progressivo. Uma escola que se forma por sintonias espirituais, similaridades nas procuras, antes de qualquer localização geográfica. Canterbury, dentro do progressivo, é menos uma cidade do que um ponto de encontro de certas tendências da época.

Voltando ao Caravan, já na primeira música do primeiro álbum, "Place of my Own", temos o cartão de visitas perfeito da banda. Uma melodia belíssima, com delicado acompanhamento de órgão e uma voz doce e aguda de Pye Hastings, também guitarrista. A alternância nos vocais é uma das marcas da banda. Richard Sinclair (que depois montaria o Hatfield and the North, partindo para o Camel em seguida) iria progressivamente cantando mais músicas, de acordo com as crises criativas de Hastings e com sua própria ascensão no grupo. *If I Could Do It All Over Again* é o sucessor perfeito do álbum de estréia. O Caravan sound estava moldado e pronto para influenciar um sem número de bandas (Camel entre elas, obviamente). "For Richard" é um clássico para os fãs da banda e é tocada em shows até hoje, sendo muito esperada nos shows brasileiros.

Waterloo Lily, o quarto e incompreendido disco, é um belo exemplo da deliberada movida em direção ao jazz-rock operada por Richard Sem o irmão David e contando com o novo tecladista Steve Miller, o disco causou certo estranhamento por parte dos fãs, que não entenderam bem a investida jazzística. Mas ouvindo com atenção, percebe-se que foi uma evolução natural de seu grande sucesso de estima, o terceiro disco *In the Land of Grey and Pink*. Apenas o clima viajante levado pelo órgão de Sinclair deu lugar a uma levada mais groovy e pop, nada que não se pudesse perceber nos discos anteriores.

Depois de várias mudanças na formação, incluindo a volta de David para *For Girls Who Grow Plump in the Night*, um disco que para muitos apreciadores é o último grande disco do Caravan, a banda foi tomando um caminho cada vez mais comercial, levado pelas ambições de Pye Hastings. De fato, o último grande álbum é mesmo *For Girls...*, mas o disco seguinte de estúdio, o irregular *Cunning Stunts*, tem uma canção composta por Hastings que não tem quem a supere nesta galáxia: a fenomenal balada "No Backstage Pass". Uma melodia inacreditavelmente bela se esconde por trás da voz de Hastings (a essa altura bem parecida com a do dissidente Richard Sinclair). A música é um belo exemplo do que Hastings é capaz quando inspirado.

Infelizmente, a partir de *Blind Dog at St. Dunstans* a banda tornaria-se um arremedo de ambições pop catapultadas por melodias cada vez mais burocráticas Mesmo seus registros ao vivo depois disso tornam qualquer expectativa positiva de nossa parte um tanto delirante Basta ver a monstruosidade dos arranjos, seja com os irmãos Sinclair, seja com Jan Schelhaas, para os clássicos dos primeiros discos.

De qualquer forma, as bônus contidas nas versões remasterizadas dos CDs, bem como a reaudição criteriosa e cronológica de seus discos de carreira nos levam à conclusão de que a banda, em seu período clássico, fôra lamentavelmente subestimada todos esses anos. Como terá sido a passagem deles por estas plagas é algo que este texto não pode prever.

Sérgio Alpendre *escreve sobre cinema e música. É redator da revista de cinema Contracampo e mantém dois blogues, um sobre música (www.melomania.blogspot.com) e um sobre cinema (www.chiphazard.blogspot.com). Gosta muito de Rock Progressivo, mas não exclusivamente*

RESUMO DE INTENÇÕES EM UMA DISCOGRAFIA SELECIONADA

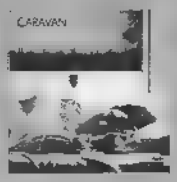
Caravan (1968) ****
Uma bela estréia puxada pela maravilhosa melodia de "Place Of My Own" Duas suites mostrariam o lado mais progressivo da banda

If I Could Do It Over Again I'd Do It All Over You (1970) *****
"For Richard" capitaneando o direcionamento prog da banda, com belas melodias e a elevada inconfundível do órgão de David Sinclair

In The Land of Grey and Pink (1971) *****
Difícil negar um clássico como esse Mais difícil ainda é ficar indiferente com a elaborada "Nine Feet Underground" e a pop "Golf Girl". Prog e pop convivendo em uma harmonia invejável. É botar pra rolar e viajar

Waterloo Lily (1972) *****
Onde alguns viram a traição existe a evolução. Onde muitos ouviram uma crise criativa, houve a estranheza da busca por um som único Um dos grandes discos já lançados. Fácil.

For Girls Who Grow Plump in the Night (1973) ** 1/2**
Convém ouvir com calma e concentração. Depois de uma trinca de obras-primas seria difícil manter o nível David Sinclair retornou à banda, e Pye Hastings continua inspirado



Cunning Stunts (1975) ***1/2
É o disco que tem "No Backstage Pass". Só por essa música extraordinária merecia uma atenção maior, apesar de bem menos inspirado que os álbuns anteriores

HALLEY
especializada em
ROCK PROGRESSIVO e
HARD-PROG
Remetemos pelo correio para todo o Brasil em pacotes registrados e com seguro - Confiram em nossa Home Page a seção de promoções Atendemos pela Internet Atualizações semanais
www.halleydiscos.com.br
halley@halleydiscos.com.br
Tel/Fax: (21) 2551-1697
Rua Senador Vergueiro 218, Loja 15
Flamengo - Rio de Janeiro - RJ

www.aqualung.com.br
Aqualung
Records LTDA.
Audio e Video
HARD - PROGRESSIVO - JAZZ ROCK
PSICODÉLICO - ROCK 60 E 70
Enviamos para todo o Brasil via correio
Loja 1: Galeria do Rock - Rua 24 de Maio, 62 - Loja 305 - Fone/Fax: (11) 222-0284
Loja 2: EM&T - Andar Térreo - Fone (11) 5011-8898 e-mail aqualung@aqualung.com.br

Entrevista Pye Hastings do Caravan

Com as malas prontas para o Brasil, batemos um papo rápido com Pye Hastings, o líder do Caravan. A banda toca dia 09 de novembro no Rio Art Rock Festival, no Canecão, Rio de Janeiro.

pZ - Como eram aqueles primeiros anos da cena musical de Canterbury e da banda Wilde Flowers?

Pye Hastings – No final da década de 60, o Wilde Flowers era um grupo de R&B estabelecido na região de Canterbury, fazíamos vários shows por ali. A formação dessa época era Robert Wyatt na bateria, Kevin Ayers nos vocais, Brian Hopper na guitarra e seu irmão Hugh Hopper no baixo. Richard Sinclair entrou depois como segundo guitarrista quando Kevin deixou a banda. Robert queria cantar, ser o front-man, então Richard Coughlan foi convocado para o posto de baterista.

pZ – Como rolou o convite para você entrar na banda?

PH - Eu fui convidado para entrar na banda quando Richard Sinclair retomou seus estudos na Art College. Começamos a mesclar o antigo material composto por Robert e os irmãos Hopper com algo mais voltado para a Soul Music. Apesar das novas e excitantes experiências com a banda, Robert Wyatt nos deixou para se juntar a Kevin Ayers e formar o Soft Machine. Nesse meio tempo Richard Sinclair retornou e trouxe consigo seu primo Dave Sinclair. Logo depois nos separamos..

pZ- Como aconteceu a elaboração dessa sonoridade peculiar do Caravan?

PH - Richard Coughlan e eu decidimos que iríamos tocar o barco adiante, pois queríamos tocar e fazer música a qualquer custo. Juntos formamos a idéia de criar algo que viria a ser o Caravan. Richard and Dave Sinclair se juntaram ao Caravan de imediato, e nossa sonoridade se desenvolveu rapidamente. Havia um grande e comum interesse pelo Jazz entre nós, assim como por aquelas geniais melodias dos Beatles, por exemplo.
Outro fator crucial no nosso som veio do fato de que o sistema de P.A naqueles tempos deixava muito a desejar, com uma potência insignificante. Não existiam também monitores de retorno para o músico, e como eu tenho uma voz baixa, ficava impossível ouvi-la, a não ser que todos tocassem seus instrumentos do mesmo volume da minha voz. Essa dinâmica acabou se tornando nossa identidade

pZ - A melodia sempre pareceu ser a principal preocupação do Caravan. Apesar do grupo estar relacionado ao estilo do Rock Progressivo, o virtuosismo desnecessário nunca fez a cabeça da banda. Esse diferencial chegou a atrapalhar a aceitação do grupo entre os fãs mais radicais do estilo?

PH – Nós sempre prestamos muita atenção na opinião dos fãs e no que eles tinham a dizer sobre nossos álbuns. Nossos seguidores sempre assimilaram nosso estilo e através dessa aceitação pudemos ter uma evolução natural através dos álbuns.

pZ - O álbum Waterloo Lily, lançado em 1972, foi considerado por muitos fãs da época como uma traição. Re-ouvindo o álbum nos dias atuais, a busca por uma evolução musical que o Caravan traçava nesse álbum fica evidente. Qual a razão dessa incursão pelo Jazz-Rock e até que ponto Richard Sinclair foi influente nesses novos caminhos?

PH – Sempre fizemos questão de ser uma banda democrática. No aspecto criativo, tínhamos um balanceamento perfeito, cada um trazia suas idéias e influências para a música do grupo. Já em *Waterloo Lily*, a maioria das canções foi composta por Richard Sinclair, que logo depois do lançamento do disco deixou o Caravan para fazer um som mais voltado para o Jazz.

pZ - Quais as expectativas para essa primeira tour pelo Brasil, e o que os fãs do Caravan podem esperar?

PH – Estamos muito otimistas com essa nossa primeira viagem ao Brasil. Sempre vimos filmes e reportagens sobre o fantástico astral de vocês e esperamos experimentar um pouco disso em nossa música. Somos também muito gratos por todo esse interesse para com a banda e agradeço pela oportunidade de dizer um "alô" a todos os nossos fãs brasileiros.
Acabamos de fazer uma pequena tour pelos EUA e recebemos uma ótima resposta dos fãs, que aprovaram a mescla dos antigos clássicos com as novas composições no nosso set list atual.

pZ - Muitos fãs brasileiros do Caravan só puderam ter acesso aos grandes discos do grupo agora nessas novas edições remasterizadas e com faixas extras. No anos 70, apenas o álbum Cunning Stunts foi lançado por aqui, causando um enorme furor entre os fãs do estilo, principalmente pela faixa "No Backstage Pass". Qual a sua opinião sobre esse disco em especial? Tem alguma música desse álbum no atual set list da banda?

PH – No nosso show atual, não estamos tocando nada do álbum *Cunning Stunts*, mas podemos até estudar a possibilidade de incluir algo para os shows do Brasil. Se tivermos algum tempo para ensaiar até lá, surpresas poderão pintar nos shows por aí .

Um papo com Waltel Branco

Por Mauro Koth e Neigmar de Souza
Especial para a poeira Zine.

O maestro, compositor e arranjador Waltel Branco é considerado um dos maiores violonistas do mundo. Nascido em Paranaguá – PR, em 1929, Waltel foi aluno de Bento Mossurunga, Pe. Penalva e Andrés Segóvia. Tocou ao lado de inúmeras personalidades da música popular internacional, entre elas: Buddy Guy, Paco de Lucia, Chick Corea, Miroslav Vitous, Dizzy Gillespie, Françoise Hardy, Laurindo Almeida, Freddy Cole e foi músico particular do Rei da Espanha. Citado na Enciclopédia Delta Larousse, de 1973, Waltel também foi maestro da TV Globo, compondo diversas trilhas, entre elas a da série O Tempo e o Vento atribuída a Tom Jobim. Deu aulas de violão para Bola Sete, Baden Powel, Rafael Rabelo e Roberto Menescal. Emprestou seu violão para Djavan gravar seu primeiro LP, até hoje não devolvido, e soube-se que João Gilberto cancelaria um show no Teatro Guaíra, em Curitiba, se Waltel não estivesse na platéia. Seu mais novo projeto foi a assinatura de um contrato com o selo e revista OutraCoisa do intrépido outsider Lobão, aliás o arranjo da música Me Chama, maior sucesso comercial de Lobão, é de autoria de Waltel. Em breve teremos nas bancas um CD de inéditas. Muitas histórias envolvem esse lendário músico, que aos 75 anos transpira alegria e satisfação. Foi nesse clima informal que ele concedeu esta entrevista para a poeira Zine na loja Vinyl Club em Curitiba.

pZ - Como foi sua iniciação musical?

Waltel - A minha iniciação musical deu-se em Campo Grande/MS, meu pai era militar e foi transferido para lá. Meu primeiro instrumento foi a bateria depois passei para o violão porque adorava, e ainda adoro, Bach (1685 – 1750). Mais tarde ganhei um concurso na França e como prêmio fui para a Espanha ter aulas com Andrés Segóvia (1893 – 1987).

pZ - Dos músicos paranaenses você foi um dos poucos que conseguiu reconhecimento nacional e depois internacional. A quê você atribui esse reconhecimento?

Waltel - Não sei, acho que foi a aproximação que fiz entre o erudito e o popular. E dentro do popular as misturas que fiz entre os gêneros.

pZ - No Paraná, normalmente os músicos se queixam desta falta de reconhecimento. O que poderia ser feito para que isso mudasse?

Waltel - É estranho, tem público e o governo se diz interessado na difusão do artista paranaense, mas acho que o Paraná ainda não se desvinculou do estigma de província de São Paulo. Há ainda por parte dos governos muito apego as famílias tradicionais, onde muitos de seus integrantes assumem cargos ligados a cultura sem serem músicos, atores, artistas plásticos e etc. Por outro lado os empresários querem ganhar status fazendo lobby para quem é de fora e dizendo: Viu? Eu trouxe fulano de Nova York, de São Paulo ou do Rio. Não quer fazer lobby para o artista local, afinal ele é daqui mesmo, todo mundo sabe quem é e ele não pode dizer por aí que trouxe fulano de lá ou de não sei onde. As políticas culturais devem ser revistas e isso leva tempo.

pZ - Quais eram os violonistas de destaque quando o você começou a tocar?

Waltel - Garoto (Aníbal Augusto Sardinha 1915 – 1955), um dos melhores que vi e grande compositor; Zé Menezes, Nestor Campos, Domingos (que tocava com Dick Farney), Baden Powel (Roberto Baden Powel de Aquino), Durval Ferreira, Boneca (extraordinário guitarrista)...

pZ - Quando Fidel Castro e Che Guevara tomaram a ilha de Cuba, você morava lá? Quais são as lembranças?

Waltel - Foi em 1958 né? Saí de bobo, Fidel era meu amigo e era músico, mas outro músico que tocava comigo, Perez Prado, não era da turma do Fidel era mais ligado ao Fulgêncio Baptista. Então fomos para Nova Yorque tocar salsa (que quer dizer molho), aí que começou a parceria com Dizzy Gillespie.

pZ - Tocar com Dizzy Gillespie ou Buddy Guy deve ter sido um privilégio. Como foi conviver com essas pessoas?

Waltel - Pessoas simples e agradáveis, queriam apenas tocar, para eles não interessava outra coisa...

pZ - Dos shows que você fez dentro e fora do Brasil, tem algum que considera inesquecível?

Waltel - Quando os EUA completaram 300 anos de alguma coisa (ele não se lembra que data era) fui convidado a tocar violão com Chick Corea no piano e Miroslav Vitous no baixo na Casa Branca para o presidente

CLASSIC ROCK
CD'S LP'S VIDEOS
Rua dos Andradas, 1444 - sala 31
GALERIA CHAVES
Fone/Fax: (0xx51) 3227.5911
Porto Alegre - RS - Brasil

Medusa Records
apresenta:
LÍRIO DE VIDRO
Hard Rock paulistano do final dos anos 70
Rua 24 de Maio, 62 - 1º andar - Loja 279
São Paulo - SP Fone/Fax: (11) 223-9845

ROOTS RECORDS
www.rootsrecords.com.br
CD's - DVD's - LP's - VHS
Camisetas e Acessórios
Entregamos para todo o Brasil
Rua Felipe Schmidt 249
loja 204 - 2º piso - Ed. ARS
Fone: (48) 222-1134
Florianópolis - SC

americano Henri Ford. Lá pelas tantas o presidente resolveu tocar piano (lá todo mundo é músico) e para nossa surpresa ele tocava mais que o Chick Corea. (risos...)

pZ - Qual violão você usa? E qual o encordoamento?

Waltel - O Reinaldo Di Giorgio fez quatro violões para mim, o meu preferido é o que aparece na capa do disco Violão/Recital (1965 – CBS). Ele disse que não estava pronto mas quando ouvi o som dele não deixei mexer. O encordoamento é Labella 906.

pZ - Conte um pouquinho da experiência como músico particular do Rei da Espanha.

Waltel - O Antônio Carlos Jocafi foi participar do MIDEN na Espanha (famoso festival da indústria fonográfica que acontece na Europa) e fui junto. Lá pelas tantas havia uma apresentação dos maestros e fui fazer a minha só com violão. Toquei bastante música brasileira. De repente alguém na platéia pediu música espanhola, disse que não era adequado pois eu era brasileiro e tocar música espanhola na Espanha poderia soar meio constrangedor....mas alguém me avisou que aquilo era um pedido do Rei D. Juan Bourbon. Toquei tudo o que sabia e para minha surpresa ele me contratou como músico particular por dois anos.

pZ - Como foi ser maestro da Rede Globo de Televisão por mais de 40 anos?

Waltel - Olha, foi o estopim da minha arte, os trailers de inserções em novelas (re – arranjos de músicas que entram para a trilha da novela, para que combinem com a cena do personagem) me obrigava a estudar. O Daniel Filho, o mais louco diretor de novelas que conheci, me cobrava muito e isso foi o meu melhor estudo. Um exemplo foi a série O tempo e o vento. A Globo encomendou a trilha sonora para o Tom Jobim que levou dois anos para compor. A uma semana da estréia ele entregou a trilha e o Boni (ex chefão da Globo) não gostou. Me chamaram e tive que fazer a trilha em uma semana! Como eu era funcionário não pude recusar. A essa altura o nome do Tom já estava nos créditos e não poderia ser retirado, ele então deixou uma carta no ECAD (Escritório Central de Arrecadação de Direitos Autorais) para que eu recebesse pela autoria, e o nome do compositor saiu como Tom Jobim.

pZ - Dos discos lançados na Europa ou fora do Brasil, como está a questão dos direitos autorais?

Waltel - Eles pagam mas tenho que ficar em cima. Esses dias foram lançados quinze CD's de trilhas minhas de novelas da Globo no Japão, isso sem eu saber. Todo mundo conhece menos o Brasil. O ECAD ajuda mas não ajuda muito e existe trapalhada em qualquer lugar do mundo. Lá fora um dos meus nomes artísticos e W. White e uma vez o Barry White me ligou para devolver dinheiro. (risos...)

pZ - Para encerrar, que tal você citar mais algum violonista?

Waltel - O Cláudio Menandro, um baiano radicado no Paraná que gravou músicas minhas muito bem, a Baddi Assad, Jodacir Damasceno e Turíbio Santos.

***Mauro Koth** é compositor e guitarrista da banda paranaense Jardim Elétrico.*
***Neigmar de Souza** é compositor e Professor de música da rede pública do Paraná.*

O parecer de Waltel sobre alguns violonistas

Luiz Bonfá (1922 – 2001) – "O melhor som de violão do mundo".
Paulinho Nogueira (1929 – 2001) – "O violão brasileiro".
Egberto Gismonti (1947) – "Psicodélico". (risos...)
Julian Bream (1933) – "Muito técnico... tem aquelas manias de posicionamento das mãos".
Charlie Byrd (1925 – 1999) – "Americano de alma brasileira".
Oscar Castro Neves (1940) – "Acompanhador pesado".
João Gilberto (1931) – "Ao contrário do que dizem é ótimo compositor, tem um som muito bom".

DISCONEXUS
www.disconexus.com.br
CDs Novos & Usados
Pop - Rock - MPB
Jazz - Instrumental
Alternativos e Independentes
Compra - Venda - Troca
Fone/Fax: 3081-7664
Rua da Consolação, 2682
(entre as Alamedas Santos e Jaú)

VINYL CLUB
(41) 223-2763
RUA ÉBANO PEREIRA, 196 - LOJA 05
CURITIBA - PR

DISCO 7
(VINIL)
Compra e Venda
Discos Nacionais Anos 60 e 70
Rock Anos 70
www.disco7.com.br
disco7vinil@ig.com.br
Fones: (11) 3231-1193/9889-2860
Galeria Nova Barão
Rua 7 de Abril, 154 (Rua Alta nº 24)
São Paulo/SP

VOICEPRINT

THE BEST MUSIC YOU NEVER HEARD

www.voiceprint.com.br

DAEVID ALLEN & EUTERPE
Studio Rehearsal '77
BMOVP001CD

BILL BRUFORD
Music For Piano & Drums
WFVP001CD

MAGICMUSHROOMBAND
Process of Illumination
VP309CD

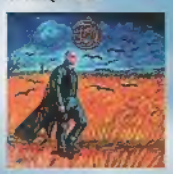
GONG
Acid Motherhood
VP311CD

ROCK • FOLK • PROGRESSIVE • JAZZ
PSYCHEDELIA • HARD ROCK • BLUES
John Wetton, Soft Machine, Karnataka,
Rick Wakeman, Tangerine Dream, Asia

info@voiceprint.com.br
Tel / Fax +55 (0) 11 5533 5908
Caixa Postal 18295, São Paulo, SP, 04626-970

MOUNTAIN
Live at San Bernardino 1971
VPTMQ010CD

SYNERGY / LARRY FAST
Metropolitan Suite
VP303CD



FISH
Field of Crowds
CFVP017CD

INVISIBLE OPERA CO.
Live at Britannia 1994
VP341CD

CDs e DVDs
NOVOS E USADOS
COMPRA, VENDA E TROCA
Heavy metal, punk, rock em geral.
Atendemos todo o Brasil pelo correio
Galeria do Rock: R. 24 de Maio 62, Loja 366, 2º andar
São Paulo/SP. CEP 01041-000 Fone: (11) 3362-1910
www.sowhatcd.com.br

www.kingcrimson.com.br

O ùnico site brasileiro dedicado ao Rei Escarlate

História do grupo - Discografia comentada - Letras traduzidas - Fotos
Ouça álbuns dos integrantes - Assista shows completos - Salas de bate papo

12 ANOS DE PERSONALIDADE,
BLUES E ROCK'N ROLL

Av.Andrade Neves,2042 - Campinas - SP
F: (19)3242-8166/www.deltabluesbar.com.br

www.poeirazine.com

O melhor da música do melhor dos tempos agora on line

poeira Zine

matérias exclusivas

textos inéditos que não pintaram na versão impressa
notícias do universo dos bons sons
fotos inéditas

participe

colabore com textos
poste suas mensagens
mande sugestões de pauta
cadastre-se on line

edições anteriores

acesse todas as edições da poeira Zine com extras

memorabilia

lp's raros, revistas da época, camisetas, etc.